

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP
DIEGO OLIVEIRA TURATO**

**RACIONAIS MC'S
A ARTE MUSICAL COMO INSTRUMENTO REVOLUCIONÁRIO, ATIVISMO
POLÍTICO E SOCIAL**

MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

São Paulo
2023

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

DIEGO OLIVEIRA TURATO

RACIONAIS MC'S

**A ARTE MUSICAL COMO INSTRUMENTO REVOLUCIONÁRIO, ATIVISMO
POLÍTICO E SOCIAL**

MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Dissertação apresentada para Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais sob a orientação da Profª Dra. Maura Pardini Bicudo Véras.

São Paulo

2023

A toda comunidade pobre da Zona Sul
MANO BROWN

AGRADECIMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 – processo número 88887.473551/2020-00 e do CNPQ.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001 – processo número 88887.473551/2020-00 and CNPQ.

AGRADECIMENTOS

À Capes e ao CNPq pela bolsa concedida para realização desta pesquisa. Obrigado por fomentar a educação brasileira investindo em pessoas. A querida orientadora Maura Pardini Bicudo Véras, que me ajudou muito desde o início do curso até o último momento.

Aos colegas de pós-graduação: Claudinei, Diego, Kheyder, Marcelo, Naura, todas e todos que dividiram momentos importantes de aprendizagem, obrigado pelo convívio.

À professora Lúcia Bogus, ao professor Miguel Chaia e todas e todos os professores do curso. Obrigado. Expresso minha gratidão ao Deus eterno, criador de todas as coisas. Glórias a ti Rei eterno.

RESUMO

O objetivo da pesquisa é apresentar o grupo de rap Racionais Mcs como um grupo de música revolucionário, que utilizam da arte, do ativismo político e social para conscientizar, mobilizar, no sentido de profundas transformações sociais no Brasil. O movimento iniciou-se na cidade de São Paulo, a partir das suas periferias e favelas. Dessa forma, o rap e o grupo analisado podem ser vistos com uma tripla origem: as camadas populares das periferias paulistanas , da arte combativa ligada ao samba e ao negro, segmento relegado na cidade e no mercado de trabalho desde a abolição e das frações pauperizadas das classes trabalhadoras. Como metodologia é feita uma análise crítica nos seis álbuns oficiais lançados pelo grupo, sendo essa análise dividida em dois capítulos, o capítulo dois que trabalha os três primeiros álbuns, apontando o início da luta por uma sociedade melhor tendo a arte como arma revolucionária, objetiva a consolidação da luta contra as desigualdades, analisando os três últimos álbuns. A pesquisa confirma o ativismo político e social dos rappers, tomando como referência uma bibliografia especializada do ponto de vista acadêmico, do ângulo da ciência política e da sociologia. Analisando as letras e poesia constantes dos álbuns e destacadas as direções críticas e emancipadoras dessa produção litero musical em relação à sociedade atual, demarcando as sementes de transformação necessária de futuros desejáveis quanto à equidade e justiça. O texto discorre de forma analítica, mostrando objetividade dos compositores em promover revolução na democracia, sendo esta revolução uma revolução no sentido cultural, conscientizando o povo periférico para a luta de classes. A produção dos Racionais MCs é analisada com bibliografias que dialogam com a utopia de uma sociedade mais justa, tendo autores como: Marcuse, Miguel Chaia, Florestan Fernandes entre outros. Da mesma forma que Karl Marx e Florestan Fernandes usaram a escrita e a praxis no sentido de conscientizar (análise sociológica crítica) e mover a classe trabalhadora a transformações radicais e revolucionárias, os Racionais MCs escrevem, cantam, declamam suas poesias, colocam batidas de rap e hip hop e levam suas composições a milhões de pessoas com o mesmo interesse buscando libertar o oprimido do opressor.

Palavras-Chave: Racionais Mcs, Revolução, Arte, Política, Ativismo.

ABSTRACT

The objective of the research is to present the rap group Racionais Mcs as a revolutionary music group, which uses art, political and social activism to raise awareness and mobilize towards profound social transformations in Brazil. The movement began in the city of São Paulo, from its outskirts and favelas. In this way, rap and the group analyzed can be seen with a triple origin: the popular layers of the outskirts of São Paulo, the combative art linked to samba and black people, a segment relegated in the city and in the job market since abolition, and the pauperized fractions of the working classes. As a methodology, a critical analysis is carried out on the six official albums released by the group, with this analysis divided into two chapters, chapter two which deals with the first three albums, pointing out the beginning of the fight for a better society with art as a revolutionary, objective weapon. the consolidation of the fight against inequalities, analyzing the last three albums. The research confirms the political and social activism of rappers, taking as reference a specialized bibliography from an academic point of view, from the angle of political science and sociology. Analyzing the lyrics and poetry contained in the albums and highlighting the critical and emancipatory directions of this literary musical production in relation to current society, demarcating the seeds of necessary transformation of desirable futures in terms of equity and justice. The text speaks in an analytical way, showing the composers' objectivity in promoting a revolution in democracy, this revolution being a revolution in the cultural sense, raising peripheral people's awareness of the class struggle. The production of Racionais MCs is analyzed with bibliographies that dialogue with the utopia of a fairer society, with authors such as: Marcuse, Miguel Chaia, Florestan Fernandes, among others. In the same way that Karl Marx and Florestan Fernandes used writing and praxis to raise awareness (critical sociological analysis) and to sensitize people and move the working class towards radical and revolutionary transformations, the Racionais MCs write, sing, recite their poetry, they put rap and hip hop beats and take their compositions to millions of people with the same interest, seeking to free the oppressed from the oppressor.

Key Words: Racionais Mcs, Revolution, Art, Politics, Activism

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
Cultura e Arte na cidade de São Paulo	11
O Surgimento de um grupo de música revolucionário na capital paulistana	17
Memórias da periferia: a construção pessoal de um tema	20
Anos 2000	21
Capítulo 1 : Música e Política, conceitos.	24
O Conceito de Arte	24
O conceito de Política	27
Arte e Política	31
Capítulo 2 - Ativismo político e social, parte 1: (1989 - 1996)	36
O grupo de Rap Racionais MCs	36
Arte Periférica; Tipo de Arte	36
Poesia, rap, hip hop e mixagem	38
O primeiro álbum	39
Pânico na Zona Sul	41
1992, Segundo Álbum	45
1993 - 1996, o descaso e relegação do governo e da elite referentes aos pobres do Brasil	50
Capítulo 3 - ATIVISMO POLÍTICO E SOCIAL	58
1997: Consolidando a arte periférica e do rap	58
A luta por dignidade no sistema carcerário	59
O Álbum 4	61
2002: Corra atrás dos seus sonhos, pois é possível.	69
2014: Mantenha seus princípios	78
Considerações Finais	83
Excertos Temáticos	83
Criminalidade e Desejo de Mudança	83
Desigualdade Social	84
Cultura e Educação	84
Fome e pobreza	84

Injustiça	84
Juventude	85
Racismo e preconceito com o pobre	85
Violência policial	85
O conceito de Revolução	85
Início da Revolução na democracia?	88
Questões raciais - Racismo e o ensino da história da colonização e da escravidão	89
Ensino sobre história e cultura Afro Brasileira	90
Condenação Criminal para Racistas	90
Combate a miséria e a defesa do direito à educação	91
REFERÊNCIAS	95

INTRODUÇÃO

A presente dissertação procura realizar uma análise crítica na produção artística do grupo de Rap Racionais MC's, apresentando os artistas como um grupo de música que tem intencionalidade revolucionária, com profundo desejo de realizar transformações. Os rappers combatem em suas músicas racismo, violência, pobreza, e toda ausência do Estado utilizando poesia, rimas, composição, batidas de rap e hip hop.

Na busca por uma sociedade mais justa e igualitária, Mano Brown, Ice Blue, Edy Rock e KL Jay são pioneiros na luta contra o racismo, sendo que o primeiro álbum dos Racionais MCs visa confrontá-lo. Redução da pobreza e implantação de políticas públicas são outros temas citados em todos os álbuns dos rappers.

Chegando em todas as comunidades pobres do Estado de São Paulo e do Brasil, os Racionais MCs disseminam ideias de luta de classes, implementando o desejo de revolução, e liderando a juventude periférica a promover transformação em uma sociedade com regime democrático. Uma mudança com início ativista, e vitória em algumas eleições municipais e algumas eleições federais. Elegendo candidatas e candidatos de esquerda.

A obra dos rappers será relacionada com pesquisa bibliográfica de autores acadêmicos do Brasil e do exterior que em momentos distintos falavam de assuntos semelhantes ao que os Racionais MCs falam.

1) Havia desigualdade na metrópole de São Paulo? quais as periferias?

2) Como era a produção artística nas periferias?) Como se deu a produção artística e musical na cidade de São Paulo?

3) Em especial, nas décadas de 1980 e 1990, como eram as questões urbanas e sociais?

4) Como compreender o surgimento de um grupo musical, o rap, nas circunstâncias histórico-sociais e qual a direção de conteúdo dessa produção musical?

5) Como caracterizar as letras e mensagens do Rap dos Racionais MC como ativismo político e praxis revolucionária cultural?

Cultura e Arte na cidade de São Paulo

Ao longo dos anos, a cidade de São Paulo tem sido referência no cenário nacional em questões artísticas, apresentando museus, obras clássicas, teatros. Uma parte dos municípios entendeu a necessidade de copiar outras cidades do mundo e criar seus próprios museus, galerias etc na cidade. Assim como a arte visual ganhou espaço no município através de pinturas, esculturas, peças de teatro e outras expressões semelhantes, a arte audível enraizou-se entre a população, ao ponto de adentrar as classes populares chegando a milhões de pessoas, inicialmente pelo aparelho de rádio.

Com ritmos diferentes, a indústria cultural se apropriou desta arte, viabilizando riquezas e promovendo o que era interessante para as gravadoras, ou seja, a rádio tocava o que era pedido pelas gravadoras - ainda em tempos atuais, funcionam assim as rádios e a televisão. É o capital que determina quem vai ser apresentado aos ouvintes e telespectadores. Entretanto, há uma arte surgida da própria população periférica, negra e popular que permanece, e revela sentimentos, valores, críticas e dirige para a transformação da situação existente. Nesse campo se insere o rap e a obra dos Racionais MCs.

A emergência de um grupo de artistas como os Racionais MC se dá no contexto das cidades capitalistas e segregadas e de suas periferias: a cidade de São Paulo e as desigualdades vivenciadas em bairros pobres.

Uma breve referência deve ser feita ao período colonial pois deixou as marcas da opressão e da exclusão na história brasileira: ampliou as desigualdades de maneira gigante; os colonizadores se apropriaram das terras, se identificavam como proprietários e expulsavam os povos originários, transmitindo doenças, estuprando mulheres e crianças, forçando o trabalho escravo e comercializando por meio de venda

e compra, como relata Bartolomeu de Las Casas, tanto os povos originários quanto africanos.

As heranças do colonialismo no passado ressoaram e continuam presentes na atualidade, com a sociedade capitalista que busca acumular capital e bens. A maioria da população que habitou e habita na cidade teve pouco contato com as artes visuais. Teatro, pinturas e esculturas são de pouco conhecimento das pessoas dos segmentos menos escolarizados. Em contraponto, o que é apresentado à maioria das classes trabalhadoras são a fome, a miséria e a violência.

Assim que encerrou a escravidão, os descendentes africanos não ganharam terra para trabalhar e ainda enfrentaram um processo de extermínio, conforme citado por Clóvis Moura (2020) com a política higienista de embranquecer a população. O Brasil começou a receber europeus para trabalhar nas plantações e lavouras.

Esses trabalhadores passaram a morar em lugares mais distantes na cidade, vivendo separados da classe média e das elites da época. Essa separação reflete na contemplação e consumo de arte e cultura. Mesmo com as precariedades do período, houve produção artística na cidade de São Paulo.

Por volta de 1900, o carnaval paulistano já havia deixado para trás o entrudo com suas laranjinha seringas de diversos tamanhos no molha molha constante pelas ruas principais. Vivia se já o então chamado carnaval moderno introduzido por volta de 1860 [...] (BRITTO, 1986 p 55).

Como na atualidade, o samba estava associado ao povo pobre e simples das periferias na capital paulista. Há poucos registros históricos sobre os primeiros compositores, contudo, no início do século XX, são comprovadas a musicalidade e a arte através deste ritmo. O samba era uma música distante da elite e marginalizada por muitos anos. Era uma das formas de descendentes africanos expressarem sua arte, apesar do desprezo da elite paulistana.

O samba demorou muito para ser aderido na indústria cultural, Amailton Magno Azevedo (2010), cita a inferioridade que este gênero musical foi tratado no início do

século XX, segundo Azevedo o samba era rotulado socialmente como música inferior e lasciva. Somente na era Vargas entre (1930 a 1945), o samba tornou-se símbolo nacional. Azevedo afirma que de 1930 a 1950 não havia campeonato de carnaval e o samba era para diversão, sendo uma das poucas artes a ser consumida pelo povo periférico.

Adoniran Barbosa é considerado um dos nomes históricos dessa expressão popular, e a primeira escola de samba citada apresentada na cidade surge entre 1930 e 1940, em 1937, nomeada de Lavapés. Assim como na capital paulista, o samba era o som popular no Rio de Janeiro, então capital do Brasil. No Rio de Janeiro embranqueceram o samba mudando o nome para Bossa Nova e depois para Música Popular Brasileira (MPB), João Donato disse em 1986 em entrevista para a Folha de São Paulo que "a Bossa Nova é o samba tocado por quem não é do morro".

Tais questões sociológicas contextualizam as dificuldades na cidade, desde o fim da escravidão, passando pela migração europeia no final do século XIX e início do século XX. E , a música erudita era pouco consumida pela maioria da população e a maior parte da população sequer sabia o que significava lazer e não conhecia arte erudita, com a qual tinham pouquíssimo contato, fruto da segregação nas moradias, o distanciamento habitacional, a falta de recursos financeiros, junto à falta de oportunidade. São abismos sociais que se perpetuaram durante séculos.

Em meados do século XX o aparelho de rádio passou ser mais acessível, bem como televisão, e as famílias trabalhadoras periféricas da metrópole começam a adquirir o aparelho. Desta forma, a arte audível começou a ser parte dos lares mais humildes, e, em meados de 1980, a classe trabalhadora obtém maior acesso obtém à televisão.

Na época, as rádios apresentavam músicas e novelas como entretenimento, e essa estratégia migrou para a televisão. Com maiores alegorias, a música veio acompanhada da dança, e a classe trabalhadora passou a se apropriar dessa ferramenta artística na cidade.

Na apresentação da problemática social e política brasileira, não se pode evitar a memória dos descompassos e retrocessos trazidos pelo golpe militar de 1964 sobre a democracia e cultura nacionais, e a transição dos anos 1985 constitui um contexto relevante para a consciência de cidadania.

A ascensão dos militares ao poder, a partir de um golpe de Estado, tomou o Palácio do Planalto e expulsou a oposição política, controlando todo tipo de mídia existente na época, torturando e matando quem era contra a governança golpista, bem como, inicialmente, a ditadura militar tentou o fim do movimento negro e outros movimentos sociais. Foi um período de grande retrocesso na busca por igualdade social e redução de privilégios.

O golpe militar de 1964 representou uma derrota, ainda que temporária, para a luta política dos negros. Ele desarticulou uma coalizão de forças que palmilhava no enfrentamento do "preconceito de cor" no país. Como consequência, o movimento negro organizado entrou em refluxo. Seus militantes eram estigmatizados e acusados pelos militares de criar um problema que supostamente não existia, o racismo no Brasil.(...) De acordo com Gonzalez, a repressão "desmobilizou as lideranças negras, lançando-as numa espécie de semi clandestinidade ".(...) A discussão pública da questão racial foi praticamente banida. Cunha Jr. aponta as dificuldades que havia para superar o desmantelamento do movimento negro naquela época [...] (DOMINGUES, 2007).

Falando sobre o histórico do movimento negro, o professor Petronio Domingues apresenta a ditadura como uma derrota temporária para o movimento negro, que se organiza há muitas anos, desde o cruel período da escravidão, até dias atuais. A organização Movimento Negro Unificado comemora sua fundação em 18 de junho de 1978. A fundação deste movimento social é desdobramento de várias outras lutas e reivindicações da população preta no país, visto que tal população sofre diversas questões além das raciais até o momento contemporâneo.

Durante a ditadura foi pior, conforme escreve Domingues, pois o governo militar negou a existência de racismo no Brasil, e silenciou os movimentos do período. Os

jornais e revistas no período da ditadura eram controlados, assim como o rádio e a televisão. Com esse controle, não há registros .

A ditadura civil-militar atuou radicalmente para barrar as pretensões de conquistas econômicas e sociais do governo João Goulart. A primeira medida do governo de Castelo Branco foi revogar a Lei de Remessa de Lucros, que impedia as empresas estrangeiras de fazer remessa de lucros exageradas para o exterior. Ele estabeleceu o arrocho salarial, revogou o decreto que desapropriava terra às margens das estradas para a reforma agrária, revogou a nacionalização das refinarias particulares e o decreto que congelava os aluguéis, restringiu o crédito às pequenas e médias empresas, deu as mais amplas garantias ao capital estadunidense que foram estabelecidas pelo Acordo de Garantia dos Investimentos Norte-Americanos no Brasil. LARA ,Ricardo SILVA, Mauri Antônio da. 2015

Trabalhadoras e trabalhadores da época estavam distantes do movimento sindical e de movimentos sociais, com acesso a informações que eram reguladas em todas as mídias, e famílias vivendo muitos anos na miséria, trabalhando apenas para sobreviver. A educação superior era para poucos; somente o que denominamos hoje de classe média-alta e ricos adentraram nas universidades no regime da ditadura, e nos primeiros governos de direita pós-ditadura. Somente com a criação do PROUNI (2004) no governo Lula e com a Lei de Cotas é que a classe trabalhadora obteve maior acesso ao nível superior de ensino.

Na situação social que se agravava, o trabalho infantil era comum em todo país e o abandono escolar foi um dos mais altos em toda história. Os golpistas que governaram o país não se importavam com a evasão escolar na época. Muitas brasileiras e muitos brasileiros saíram da escola no regime da ditadura.

Com a falta de educação, a repressão a protestos e o controle das mídias, a miséria e a fome foram silenciados, o genocídio indígena não foi registrado, a natalidade infantil e a exploração de menores foram abafados. E a população do Norte e do Nordeste, que buscava sobreviver na luta contra a fome, sofria preconceito e descaso no Sudeste e em outras regiões do Brasil, Domingues (2007), cita a naturalidade e aceitação do racismo no período do golpe.

A miséria e a fome ampliaram, moradias em condições precárias aumentaram, não havia a ideia de cuidar da população pobre, muito menos de levar políticas públicas para os bairros distantes que estavam se tornando cada vez mais numerosos. As políticas sociais de governos anteriores foram abandonadas. Assim foi a atuação dos ditadores militares.

Os anos 70 e 80 foram marcados pelo surgimento ou ressurgimento de diversos movimentos envolvidos na luta contra as desigualdades, buscando emancipação e dignidade.. Foi nesse período que a Central Única dos Trabalhadores foi fundada, assim como o Partido dos Trabalhadores, o Movimento Negro Unificado, e o Movimento dos Sem Terra. Anterior a tais movimentos, existiam partidos de esquerda e sindicatos, que foram silenciados durante a ditadura militar, assim como outros movimentos e organizações, que sofreram diversos males durante o golpe de 64.

Tais fatos estavam associados dia a dia na metrópole paulistana: a segregação observada na produção artística, com falta de acesso dos pobres à arte, era semelhante na questão habitacional. Durante toda a ditadura, apesar do suposto objetivo do BNH ser voltado à habitação popular, de fato não houve o atendimento das camadas populares para moradia. Não teve política habitacional para pobres, somente a classe média experimentou algo no período e, além de não haver política habitacional, os pobres foram empurrados para favelas.

Com desigualdade explícita do solo urbano e com mecanismos de mercado, a distribuição de favelas e loteamentos precários da periferia em torno da parte mais rica e consolidada da superfície urbana é testemunho apreciável dos processos centrífugos da expulsão dos pobres. Um rápido olhar sobre o processo de urbanização da metrópole permite constatar que a questão da terra e dos espaços urbanos foi comandada pelo capital... VERAS, 2001

Dado esse contexto, no final dos 70 e início dos anos 80, o discurso sobre a volta da democracia ganhou força; o discurso que anteriormente não tocava a classe trabalhadora devido à falta de informação passou a tocar, e ganhar militantes influentes como artistas e jogadores de futebol.

No início dos anos 80, eventos de mobilização social ganharam as ruas, e não dava mais para manipular quem não tinha o que comer e morava em situação desumana. Essas mobilizações foram fundamentais na aplicação de políticas públicas. Na sequência da fundação oficial de movimentos sociais, sindicatos e partidos políticos, a democracia voltou. Junto com o retorno da democracia, haviam sementes de revolução espalhadas pela juventude daquele momento.

O Surgimento de um grupo de música revolucionário na capital paulistana

Na década de 80, chamado pelos economistas de "década perdida", devido às crises econômico-sociais que empobreceram a população, as assembleias públicas e greves da classe trabalhadora explodiram na capital e em cidades vizinhas, como São Bernardo do Campo, a greve dos portuários em Santos, entre outras. O movimento negro organizava eventos a céu aberto como os encontros próximo à estação São Bento, a musicalidade negra norte-americana influenciou o surgimento de bailes e boates na metrópole, e outro ponto de encontro era nas escolas de samba.

O grupo de rap Racionais Mcs nasceu com forte influência da música negra e do rap norte-americano, inserido neste contexto e vivendo na pele a miséria, a violência, a falta de políticas públicas e o descaso do governo. No final dos anos 60 e começo dos anos 70, movimentos de negros americanos lutavam por igualdade racial nos EUA e esses movimentos também foram inspiração para o grupo, assim como a musicalidade de Public Enemy e Two.

O rap não é a única influência musical do grupo, há influência do Black Soul dos EUA, e da musicalidade brasileira de artistas como Tim Maia, Jorge Ben, Cassiano, Djavan, assim como a influência do samba. Os rappers trazem consigo a influência do tambor e das matrizes africanas, ainda na década de 90 a parceria com o grupo de samba Negritude Junior, diálogos com o grupo Exalta Samba e profundo diálogo com escolas de samba, realizando um show histórico na quadra da Escola de Samba Rosas de Ouro. Contudo o rap negro dos EUA era a maior influência.

Assim, diz-se que o rap despontou primeiramente nos Estados Unidos, guardando relação direta com a presença de imigrantes negros e latinos nesse país, em meados dos anos 1970. Destaca-se a presença dos jamaicanos que lá chegaram entre 1960-70 – ao fugirem, em vão, da crise econômica e social que acometeu a ilha –, carregando na bagagem elementos culturais (com influências das matrizes africanas das quais aqueles sujeitos descendiam, como a oralidade [...] OLIVEIRA, 2011 p 20

Nas décadas de 80 e 90 havia muitos problemas sociais com destaque para assassinatos e homicídios nas periferias de São Paulo, quando uma quantidade absurda de jovens morriam vitimados. Esse problema ampliou-se na metade da década de 80 e nos anos 90. Na cidade de São Paulo e no Estado de São Paulo, diminuiu devido ao surgimento e fortalecimento do Primeiro Comando da Capital, no final dos anos 90 e começo dos anos 2000 afirma D Andrea.(2013)

Jardim Ângela e Capão Redondo ganharam notoriedade no Brasil e no mundo por ser o berço de dois fundadores do grupo Racionais MCs, Mano Brown e Ice Blue. O retrato sociológico dessas comunidades é semelhante a vários bairros pobres de São Paulo e do Brasil. Obviamente, cada bairro, cidade e estado tem suas particularidades, contudo a falta de oportunidades, as desigualdades, o abandono de gestores municipais e estaduais e o esquecimento de presidentes da direita e do centro são idênticos. Tiaraju Pablo D'Andrea, em sua obra, apresenta o retrato sociológico urbano da periferia na Zona Sul de São Paulo, vejamos.

"Em meados da década de 1990, bairros da Zona Sul de São Paulo possuíam índices de assassinatos equiparáveis as regiões mais violentas da Colômbia ou de países em guerra civil. Nessa época, o bairro do Jardim Ângela é considerado o mais violento do mundo e, juntamente aos bairros do Jardim São Luís e o Capão Redondo, conforme o que se denominou "triângulo da morte", onde qualquer desavença corriqueira resultava em morte, para além dos conflitos entre traficantes, e destes com a polícia. Configurava-se um cenário de total esgarçamento do tecido social, com baixos índices de confiabilidade nas redes sociais de vizinhança. O individualismo imperava entre os pobres, o medo era sistemático, a tensão era um imperativo e sobreviver era um desafio - fundamentalmente entre jovens, era uma arte chegar aos 26 anos. Em grandes traços, este era o contexto social, político e econômico dos bairros periféricos de São Paulo na década de 1990. Uma mescla de desesperança, raiva, fracasso, resignação, pobreza, sangue, insegurança. Enfim, desespero... D ANDREA, 2013, p 57.

Os rappers viram na arte, através do hip hop, da poesia, e de tudo que o mundo do rap oferta, a possibilidade de ativismo político e social. Ao decorrer dos capítulos, com a análise teórica dos álbuns e das obras que compõem os discos e EPs lançados de forma oficial pelo grupo, será evidente a busca por revolução na metrópole paulistana.

" O contexto social explosivo da década de 1990 apresentava as bases para que a crítica social existisse. Os Racionais foram felizes ao anunciar uma mensagem em um período específico, e sua força reside na enunciação de uma mensagem inédita em um contexto histórico peculiar. Com o passar do tempo, tal força foi sendo ratificada pela sensível leitura que fazia de seu entorno, apreendendo os elementos mais destacáveis da realidade da periferia e, ao mesmo tempo, se entrelaçando com essa realidade. De evidente potência, essa produção cultural interpretava a realidade que a circundava, auxiliando os agentes dessa realidade a entenderem essa própria realidade, até que, em dado momento, produção cultural e seus seguidores passaram a compor a própria realidade, concomitantemente à absorção que continua fazendo dela. D' ANDREA, 2013, p 26 e 27.

Os Racionais MCs foram além de uma mensagem, apresentaram uma causa, um objetivo específico. Normalmente, grupos artísticos dos mais diversos ritmos têm como objetivo a fama e o dinheiro, ainda que vários grupos ou artistas apresentem uma mensagem, ou atuem como ativistas. Os rappers vão além do ativismo, embora o ativismo seja uma marca nas letras e a participação em alguns protestos seja frequentes. A persistência por redução das desigualdades é observada na vida e na obra do grupo. Nunca se distanciaram de suas origens, e sempre fortaleceram o movimento, apoiando e lançando novos nomes.

A busca por revolução e melhorias sociais, em parte, tem a proximidade com o Movimento Negro Unificado e as influências de Martin Luther King, Malcolm X, e Che Guevara. Em momentos específicos, letras narram a influência dos revolucionários Che Guevara e Malcom X, que dedicaram suas vidas além do ativismo, mas à revolução. As músicas e shows chegaram e chegam onde talvez as obras de Marx tenham pouco acesso.

Diferente das traduções em português das obras de Marx e Engels, que geram dificuldades de interpretação de texto para jovens simples, com pouco hábito de leitura, a arte escrita cantada pelos rappers ensina sobre o domínio da burguesia sobre a classe trabalhadora, apresentando a luta de classes com uma linguagem própria, de forma que pessoas com pouco estudo compreendam que existe luta de classes. Jovens que mal iniciaram o ensino médio, quando ouvem a obra do grupo, entendem o domínio da elite sobre a classe trabalhadora.

Memórias da periferia: a construção pessoal de um tema

" a bala comia nas periferias de São Paulo. Eram corpos estendidos no escadão, no campo e na esquina. Mesmo assim as pessoas estavam nas ruas. A criançada correndo nos campinhos, os jovens dando festas nas casas, os mais velhos jogando dominó nas praças..." D ANDREA, 2000, p 24

Nascido e criado em uma bairro pobre no litoral paulista, vivenciei muita coisa narrada nos álbuns dos Racionais MCs, e tive contato com músicas do grupo ainda no início dos anos 90. Músicas como Homem na Estrada e Fim de Semana no Parque eram hinos entre jovens com pouca idade a mais do que eu na vizinhança onde fui criado. Em 1995, fui pela primeira vez em uma partida de futebol assistir o Santos Futebol Clube, me encantei com a festa das torcidas organizadas e ainda criança comecei a frequentar torcida organizada. Na organizada, os rappers eram e são super respeitados, e a admiração pelo grupo só aumentava.

Entre os anos de 1996 e 1998, o grupo fez uma apresentação no município de São Vicente, litoral paulista, em uma festa junina denominada Greenville. Tive o privilégio de assistir o show e ouvir em primeira mão as músicas Mágico de Oz e Fórmula Mágica da Paz. Em meio a pesquisa, nota-se que o álbum Sobrevivendo no Inferno ainda não tinha sido lançado na época do show, e de antemão os rappers cantavam algumas músicas que viriam a ser lançadas no álbum.

Em meio às músicas, pausa e discurso - assim como ocorre nos dias atuais, já era assim na época, os integrantes do grupo sempre apresentam narrativas em defesa da população negra, sobre a violência nas periferias, e falas como um todo na luta contra as desigualdades. Quem participou de alguma apresentação do grupo testemunha quão marcante são as músicas e as falas apresentadas pelos rappers, sobretudo Mano Brown.

Os morros e favelas na cidade de Santos e em outras cidades da Baixada Santista eram semelhantes ao que era narrado no Capão Redondo e Jardim Ângela, o excesso de violência, mortes, assassinatos, entre outros problemas, eram constantes. A falta de políticas públicas e ausência do governo eram notórias. Na cidade de Santos, houve certa representatividade com dois mandatos progressistas, nas gestões Telma de Souza e Davi Capistrano, período em que a cidade de Santos tornou-se referência mundial na área da saúde, com a criação das Policlínicas e o combate à AIDS, conforme cita Wagner de Alcântara Aragão (2021). Santos também foi exemplo no combate à pobreza, na educação com novas escolas e muita qualidade em questões urbanas como a reforma da Orla, transporte e esporte.

A identificação com as letras dos rappers era comum. A miséria vivenciada pelos Racionais na metrópole paulistana era semelhante a do Litoral Paulista, no interior e em todo território nacional. Tiaraju Pablo D Andrea (2013) cita a influência dos evangélicos, do lulismo e do PCC na periferia paulistana, falando sobre o sujeito periférico. Essa mesma influência que aparece nas letras do grupo, chega ao Litoral Paulista e se espalha por todo estado de São Paulo, chegando até outros estados do Brasil como Paraná, Santa Catarina e Minas Gerais.

Anos 2000

Entre os anos 2001 e 2003 assisti de maneira presencial outro show dos Racionais MCs, desta vez na cidade de Praia Grande, também no litoral paulista, em uma casa noturna denominada Boulevard. Foi o show de lançamento do álbum Nada

Como um Dia Após o Outro, que trazia letras marcantes como Negro Drama, Vida Loca I e II, Desafios da Vida.

Neste álbum, aparecem as influências citadas acima por D Andrea, os discursos revolucionários e contundentes permanecem, a defesa pelo povo pobre e preto é notória, e o ativismo político e social fica fácil de identificar a partir de análise e pesquisa. Ainda frequentando jogos de futebol do Santos FC, no final dos anos 90 e começo dos anos 2000, era fácil encontrar Mano Brown na arquibancada em jogos do Santos no Morumbi ou no Pacaembu, e até na Vila Belmiro.

Nos anos 2000, os rappers obtém admiração até da classe média. Em muitas letras, o grupo deixou claro a falta de empatia com o que eles chamam de boys, identificados como pessoas que não são pobres ou favelados. Contudo, no final dos anos 90 e começo dos anos 2000, até os boys eram fãs dos rappers.

A forte identificação dos Racionais MCs auxiliou parte das comunidades periféricas a compreender a luta de classes, porém com uma linguagem diferente e a ideia que há candidato político de rico e candidato político de pobre. Os Racionais MCs sempre apoiaram o presidente Lula e ajudaram a eleger prefeitas, prefeitos, senador, deputadas e deputados. Em entrevista concedida, KLJAY afirma que Fernando Haddad foi um dos melhores prefeitos da metrópole paulistana, assim como as prefeitas de esquerda que governaram o município.

Em 2000, o grupo participou do palanque da candidatura progressista na capital e dos horários de propaganda eleitoral gratuita. Nas propagandas, Mano Brown dizia "...se a Marta não for boa prefeita, vocês podem cobrar de mim...". Nas comunidades periféricas, a ideia de "cobrar" é algo muito sério, para além de dívidas financeiras, pois, na época, cobrar era muitas vezes algo que se pagava com a vida. A prefeita progressista eleita na época fez muito pela educação e muito pelos pobres - o grupo tinha razão.

Estas são experiências vivenciadas entre os anos de 95 e 2003 apresentadas no relato de um fã, que não sonhava em pesquisar os rappers, porém conhecia com autenticidade o grupo, frequentando shows, conhecendo os álbuns, e admirando os

artistas, com identificação no futebol, no discurso, nas músicas e na política. Assim como este autor muitas pessoas nas favelas da cidade de São Paulo, do estado e do país foram formados politicamente pelo grupo de rap Racionais MC's. Filho de um pedreiro e de uma faxineira, este autor não formação política em casa, e assim acontece com milhares e milhares de pessoas em bairros pobres na metrópole paulistana e no país. A revolução através da arte atingiu objetivos específicos, penetrando corações e tocando vidas.

A presente dissertação se estrutura, além desta introdução, em três capítulos e das considerações finais. Desde sua fundação até o presente momento, os Racionais MCs lançaram seis álbuns considerados inéditos, destes seis álbuns, três serão analisados no capítulo 2, e os outros três serão analisados no capítulo 3. O capítulo 1 fala sobre questões teóricas de arte e política, nas considerações finais é apresentado caminhos e propostas para a Revolução. Os referenciais teóricos são: Herbert Marcuse, Miguel Chaia, Florestan Fernandes e etc... A obra dos rappers será relacionada com pesquisa bibliográfica de autores acadêmicos do Brasil e do exterior que em momentos distintos falavam de assuntos semelhantes a poesia artística revolucionária dos Racionais MCs.

Capítulo 1 : Música e Política, conceitos.

O objeto pesquisado é o grupo de rap Racionais Mcs a partir da sua produção artística. Os artistas do grupo expressam sua arte através do gênero musical denominado rap, sendo este gênero musical de crítica e denúncia aos problemas no cotidiano da maioria da população pobre do Brasil. Os Racionais Mcs tem seis álbuns oficiais publicados até o presente momento e todos os álbuns serão analisados música por música nos capítulos dois e três. Abaixo vejamos uma conceituação breve sobre arte.

Abordar ou falar sobre arte não parece ser tão difícil, visto que apreciamos ou consumimos arte desde nossos primeiros dias de existência. Ainda primeiros quando bebês ou crianças, somos estimulados a observar a beleza presente na natureza, seja por um animalzinho, através de uma planta ou flor produzida na natureza. Ainda na infância consumimos arte na tv, rádio, computadores e, atualmente, em aparelhos de telefonia móvel. Daí surge a impressão de que, aparentemente, não parece ser difícil falar sobre arte, mas é mera impressão, pois o assunto é desafiador, sim, devido sua amplitude e abrangência, sendo fundamental buscar definições assertivas referentes ao assunto.

Embora todo ser humano, mulheres, homens, crianças e idosos sejam consumidores de arte, muitas vezes tal consumo passa despercebido, visto que há uma narrativa política que propõe difamar a arte, maldizendo artistas, atores, órgãos e produtores de artes, entre outro. Em razão dessa narrativa de políticos de extrema direita que falam mal da arte e dos envolvidos com a arte, há quem negue ser consumidor de arte. A verdade é: mesmo quem nega, acaba consumindo algum tipo de arte cotidianamente.

O Conceito de Arte

Conceituar e mostrar o que é arte e o que a arte procura desempenhar, oferece base para alicerçar o assunto, visto que o consumo de arte é constante, muitas vezes até diário, porém não é notado ou observado pelos que utilizam deste meio tão genial

de obter contato com o belo. Herbert Marcuse¹ apresenta pontuações acadêmicas sobre o tema. Vejamos abaixo:

A arte empenha-se na percepção do mundo que aliena os indivíduos da existência e atuações fundamentais da sociedade - está comprometida numa emancipação da sensibilidade, da imaginação e da razão em todas as esferas da subjetividade e da objetividade. A transformação estética torna-se um veículo de reconhecimento e acusação. Mas, essa realização pressupõe um grau de autonomia que desvia a arte do poder mistificador do dado concreto e liberta para a expressão da sua própria verdade. Enquanto o homem e a natureza não existirem numa sociedade livre, as suas potencialidades reprimidas e distorcidas só podem ser representadas numa forma alienante. O mundo da arte e o de outro princípio e realidade, de alienação - e só como alienação é que a arte cumpre função cognitiva... MARCUSE, 1981, pg 22.

Marcuse fala sobre alienação relacionada à arte, questões ligadas à libertação e verdade, afirmando a emancipação da sensibilidade, estabelecendo uma ligação com a imaginação e a razão. Quando pensamos em conceitos e funções, podemos utilizar a escrita do autor para mostrar ou explicar em parte o assunto. Em outra momento, o autor alemão fala sobre afirmações e caráter referentes à arte. Para ele, a arte luta contra a opressão:

O carácter afirmativo da arte tem ainda outra origem: é o empenhamento da arte no Eros, a afirmação profunda dos Instintos da Vida na sua luta contra a opressão instintiva e social. A permanência da arte, a sua imortalidade histórica ao longo dos milênios de destruição, dá testemunho do empenhamento. MARCUSE, 1981, pg 23.

Outro conceito abordado por Marcuse é a historicidade da arte, visto que a durabilidade atravessa anos e anos conforme o exemplo citado acima. Lutando contra a opressão. É notável que, para o escritor, a arte vai além do que conceituamos em nossa mente.

¹Hebert Marcuse (1898-1979) alemão de Berlim e filho de judeu, sociólogo, filósofo, professor, pesquisador e escritor. Tem grande relevância na produção acadêmica.

Mulheres e homens são limitados e cheios de necessidades diárias. Tais necessidades se apresentam das mais variadas formas: tanto físicas quanto cognitivas; e para nos manter saudáveis nutrimos o que deve ser nutrido. A arte serve, muitas vezes, como nutriente da alma, e isso acontece em suas várias formas de expressão e maneiras de manifestação. Quando ficamos exclusivamente em nosso mundo, ficamos limitados, presos em nós mesmos, como alguém que é colocado em um cômodo de um imóvel e não sai, mas permanece trancado ali ou como um objeto pequeno que é colocado em uma caixa, que permanece sempre fechada. Portanto, as questões cognitivas devem ser abertas e não fechadas em si mesmas.

O conceito de arte se apresenta de maneira muito mais abrangente do que imaginamos. Na verdade, há certa grandiosidade e imensa riqueza. Leon Tostói² auxilia na apresentação do tema. Note que para o Tolstói a arte não é algo que se pode limitar. Embora essa não seja a expressão utilizada, o autor apresenta conceitos importantes.

A arte, a arquitetura, a pintura, a escultura, a música e a poesia, em todas as suas formas, assim responderiam sem dúvida os profanos, os amadores da arte e os próprios artistas, todos bem persuadidos de que o objeto de sua resposta é muito claro e bem compreendido por todos de um só modo..."" ... A arte, em todas as suas formas, é limitada de uma parte pública pela utilidade prática, de outra, pela incapacidade de produzir arte. Mas de que o modo a podemos distinguir dos dois termos que a limitam? As pessoas chamadas cultas e os próprios artistas, que não se ocupam especialmente de estética, acreditarão ter pronta a resposta, já encontrada a tempo, por ser óbvia a toda gente. A arte, dirão eles, é a atividade que revela o belo. TOLSTÓI 1994, pg 28.

Tolstói fala sobre possibilidades de limitações acerca da arte ou limitações referentes a maneira de apresentar e falar sobre a arte. Para o autor russo, tal limitação ocorre quando a mesma é apresentada como aquela que revela o belo. Mas será que a arte, sendo capaz de revelar o belo, pode ser limitada? Há limites em apresentar formosura e lindeza, demonstrar estéticas atraentes e apaixonantes? Definir ou classificar beleza de maneira conceitual não é o objetivo desta obra. Porém, um pouco mais abaixo, veremos o conceito de belo segundo Tolstói.

²Leon Tolstoi (1828-1910) russo, pensador e escritor renomado mundialmente com suas obras.

Mesmo com beleza, estética e atração, a arte segue como instrumento revolucionário, sobretudo na revolução pacífica, inundando alma, coração e mente com caráter instrutivo. Com suas diversas formas, a arte passa conteúdos e desejos de construção de uma sociedade melhor, seja esta sociedade democrática ou não. Vejamos o que Marcuse fala sobre isso:

A arte pode ser revolucionária em muitos sentidos. Num sentido restrito, a arte pode ser revolucionária se representa uma mudança radical no estilo e na técnica. Tal mudança pode ser empreendida por uma verdadeira vanguarda, antecipando ou refletindo mudanças substâncias na sociedade em geral. Assim, o expressionismo e o surrealismo anteciparam a do capitalismo dos monopólios e a emergência de novos objetivos de mudança radical. Mas, a definição meramente técnica da arte revolucionária nada diz da qualidade da obra, nem da sua autenticidade e verdade. MARCUSE 1981, pg 12 e 13.

Para Marcuse, a arte pode ser um instrumento um revolucionário em muitos sentidos conforme a citação acima, de acordo com Marcuse esta revolução pode acontecer em toda sociedade refletindo mudanças radicais.

O conceito de Política

Antes de apresentar breves explicações sobre o que é política, faz-se necessário citar o diálogo que existe entre a política e a arte. Após os escritos acima, não passará despercebido que a arte, muitas vezes, é produzida com a intenção de atuar na sociedade como um instrumento de revolução ou transformação mediante a problemas presentes no período vigente. Muitos artistas, sejam pintores (as), escritoras (es), cantoras (es), dançarinos (as), artistas em sua totalidade, expressam suas obras e produções com a pretensão de contribuir para mudanças sociais para um mundo melhor. Com o crescimento do capitalismo, a busca pelo capital financeiro é meta, porém, muitos no passado não abriram mão de suas causas revolucionárias visando melhorias sociais; na atualidade há aquelas (es) que não se prostam com dinheiro.

Política e arte dialogam em diversos aspectos - alguns parágrafos abaixo falaremos mais sobre isso. No próximo parágrafo será apresentado o conceito de política segundo o grande filósofo Aristóteles³, que serve como fundamentação para conceituar e definir a ideia. Vejamos abaixo o que diz o filósofo:

*** É evidente que, quando se trata do regime político, é uma ciência que se compete a examinar o que se constitui a melhor forma de regime e que qualidades esse deveria possuir caso não existirem constrangimentos exteriores, compete a essa ciência examinar a que forma de regime seria mais adequado a um certo tipo de cidadãos, é que sendo, efectivamente muitos incapazes de atingir de igual forma o melhor tipo de regime, nem a forma melhor tendo em conta a circunstâncias, nem um terceiro regime que se estabelece segundo um pressuposto, uma vez que essa ciência pode também examinar qual o princípio a partir de qual regime se formou e de qual modo o poderemos conservar o mais tempo possível, a título de exemplo refiro-me ao caso daquela cidade que, além de não ser governada pela melhor constituição, se encontre despojada dia meios necessários para o fazer, e não disponha tão pouco da melhor constituição possível, dadas as circunstâncias, mas de uma muito pior. (Aristóteles, 1998, p. 271 -273).

Já no seu tempo, Aristóteles classifica política como uma ciência, o que é um consenso entre todos hoje, sendo na atualidade classificada como parte das ciências humanas. Aristóteles relaciona política com regime e cidadãos. No contexto em que Aristóteles produz o texto, a política pouco se assemelha ao que ocorre nesse momento. Era um período de reis e rainhas, regimes imperialistas, basicamente ditatoriais. O povo não havia conquistado o direito de escolher seus representantes, pelo menos a grande massa da população ainda não. E onde se iniciava o processo de cidadania, era muito tímido e náncio se comparado ao que temos hoje. Na citação abaixo veremos a consideração de Hannah Arendt⁴ sobre o tema. Vejamos:

³Aristoteles (384 Ac – 322 Ac) Filósofo grego de Atenas, historicamente um dos mais citados ao longo do tempo.

⁴Hannah Arendt, (1906 – 1975) filósofa alemã de origem judaica, o que leva muita gente a tratar a autora somente como judia, pois ela fazia questão de ressaltar tal fato em quanto viva e em seus escritos.

A política baseia - se na pluralidade dos homens. Deus criou o homem, os homens são um produto humano mundano, e produto da natureza humana. A filosofia e a teologia sempre se ocupam do homem, e todas as suas afirmações seriam corretas mesmo se houvesse apenas dois homens, ou apenas homens idênticos [...]

A política trata da convivência entre diferentes. Os homens se organizam politicamente para certas coisas em comum, essências num caso absoluto ou a partir do caos absoluto das diferenças. Enquanto os homens se organizam em corpos políticos sobre a família, em cujo quadro familiar se entendem, o parentesco significa, em diversos graus, por um lado aquilo que pode ligar os mais diferentes e por outro aquilo que pelo qual formas individuais semelhantes podem separar -se de novo umas das outras e umas contra as outras. (ARENDT, 1999 p. 21 -22.)

Arendt fala sobre o criacionismo, abordando sua teologia de maneira simplificada. Ainda na mesma página e na posterior, a autora trata do homem introduzido na política, referente a quando este se organiza politicamente. Para a escritora, "a criação do homem por Deus está contida na pluralidade. Mas a política nada tem a ver com isso", ou seja, Arendt não mistura Deus e política como muitos religiosos fazem no Brasil e em diversos países no mundo. Abaixo veremos o que a autora fala sobre a tarefa da política.

Pode ser que a tarefa da política seja construir um mundo tão transparente para a verdade como a criação de Deus. No sentido do mito judaico cristão, isso significaria: ao homem, criado a imagem e semelhança de Deus, foi dada a capacidade genética para organizar os homens a imagem da criação divina. Provavelmente, um absurdo - mas seria a única demonstração e justificativa possível a ideia da lei da natureza (ARENDT, 1999 p. 24).

Arendt considera "absurdo" quando comparações e inserções políticas do Criador Divino são feitas. Para a autora, política é exclusivamente de homens ou mulheres que se organizam. Já em seu período, a combativa judia assistia políticos usando a religião para obterem poder - vale lembrar que muitos países contrários ao cristianismo usam a religião na política, que é caso de Israel e Iraque, opositores de católicos e protestantes que utilizam fiéis do judaísmo e do islamismo para

conquistarem poderes políticos, assim como países conversadores como EUA e Itália usam fiéis cristãos para obterem poder através das urnas.

Para Weber, por sua vez, a política é a esfera do poder com a "probabilidade de impor a própria vontade, dentro de uma relação social, ainda contra toda resistência e qualquer que seja o fundamento dessa probabilidade" (WEBER, 1969, p 43 em tradução livre), afirmando, assim, ações sociais do tipo racional e que se estendem por toda a sociedade, embora o Estado tenha o monopólio dessa força em um território. E complementa com o conceito de dominação, como "probabilidade de encontrar obediência a um mandato de determinado conteúdo entre dadas pessoas " (WEBER, 1969, p 43) especialmente, a dominação legítima, que se baseia na validade desse mandato ou autoridade. Dessa forma o campo da política é relevante no estudo da cultura, e, dos significados atribuídos à arte e à música. Assim, Weber⁵, apresenta questões relacionadas ao domínio e violência ao falar sobre política.

Para a manutenção de todo e qualquer domínio violento carece de certos bens substanciais materialmente exteriores, exatamente como acontece junto a um empreendimento econômico. Todas as ordens públicas podem ser divididas segundo o seguinte critério: é preciso saber se elas se baseiam no princípio de que aquele estafe de homens funcionários públicos, ou quem quer que eles possam ser, com cuja a obediência o detentor do poder precisa contar, se encontra de posse, ele mesmo dos meios administrativos, quer esses meios sejam constituídos por dinheiro, edifícios, materiais de guerra, cavalo ou alguma coisa qualquer (WEBER, 2014 p 66 e 67).

Através de Aristóteles, Arendt e Weber podemos aprender conceitos sobre política. Embora na sociedade muitas mulheres e homens não querem contato com política ou tem aversão ao tema, em qualquer sociedade organizada faz-se necessário não menosprezar a política. Ninguém precisa gostar, contudo abandonar o tema é entregar nas mãos de desconhecidos que tomarão decisões sobre o futuro no lugar onde você vive, sobretudo em países, estados e cidades cujo regime é a democracia.

⁵ Max Weber (1864 a 1920) Alemanha.

Arte e Política

Após um esclarecimento maior a respeito do que é arte e do que é política, passo a apresentar a relação entre ambas as ciências para com isso trabalhar um contexto que visa iluminar conceitos sobre ativismo político e revolução. Para tanto, será utilizado como base os escritos de Miguel Chaia⁶. No trecho abaixo veremos uma breve introdução. De acordo com o autor:

Política e arte são velhas companheiras, sendo a tragédia grega uma das mais antigas e explícitas manifestações desta relação, com os seus dramas teatrais que congregavam o povo ou a comunidade revelando os fundamentos da sua existência e entrelaçando -os às tramas das pólis. Este é um tema correlato a outros envolvendo arte - ciência, arte - filosofia, arte - mídia e arte - economia - que reportam a delimitação de áreas de conhecimento, mas facilmente também deixam entrever as fragilidades das fronteiras entre elas." CHAIA p. 13, 2007.

Para Chaia, fica evidente a relação entre arte e política, mas não somente isso, como também a relação entre elas e outras ciências, tais como a filosofia e a economia. O autor aponta que arte e a política são ferramentas para criticar o falho sistema capitalista que impera tranquilamente no mundo. O autor também fala sobre arte e política como formas de resistência na sociedade. Vejamos:

Em comum, ambas as correntes elucidam e criticam a sociedade capitalista, entendem que a arte tanto pode ser hostilizada pela sociedade quanto se construir numa linguagem favorável a manutenção da alienação, incluem a arte na ambígua concepção que as correntes possuem de política - passando pela crítica a valorização desta atividade sob outras formas - e ainda, consideram a arte um lugar possível de resistência e de mudança na sociedade e, principalmente, um denso vestígio de humanidade (CHAIA p. 16, 2007).

⁶Miguel Chaia 1972, cientista social. Professor no departamento no Programa de pós-graduação em Ciências Sociais na PUC – SP.

Não é de hoje que a arte e a política se unem para buscar uma sociedade melhor, aliás, no passado obteve grandes avanços com queda de reis e rainhas, com o surgimento de novas políticas e regimes como a democracia e com a queda de impérios. Embora, muitas vezes, a arte funcione como instrumento de alienação, como mero entretenimento, ela pode ser resistência, revolução e instrução. Chaia enfatiza algumas contribuições do Marxismo sobre a discussão. Observe a citação:

O pensamento marxista traz contribuições básicas para a discussão do tema arte e sociedade, que remetem a presença da dimensão política na arte e ao reconhecimento do papel social exercido por ela nas relações entre os homens e destes com a natureza. Incluindo as contingências externas na produção da obra de arte, pelo fato de estar indissoluvelmente ligado às condições sócias que envolvem, Karl Marx entende a arte no interior de contradições, tendo percebido (principalmente a partir da literatura Honoré de Balzac) o seu intenso poder cognitivo, revelador da estrutura que rege as relações humanas. (CHAIA p. 17, 2007).

Mostrando brevemente as contribuições do marxismo, Chaia segue apresentando o diálogo entre arte e política, agora com apreciações referentes ao marxismo e o assunto proposto como problemática. Após passar sobre o marxismo e o assunto, Chaia descreve de maneira resumida a origem de arte política. Vejamos o que é a origem de arte política para Chaia:

Se artistas produzem arte política, outros indivíduos praticam a política como arte. Daí que as civilizações ganharam obras primas da arte e também determinadas formas de organização na sociedade. A ideia da política como arte originou - se em Nicola Maquiavel, ao vincular a política com a ação do princípio ou do povo, no interior do espaço público, privilegiando o uso das capacidades para obter sucesso no empreendimento político. A manutenção do poder, a conquista da liberdade e a construção do espaço público exigem o requinte da sorte e a solidez da racionalidade. Por isso, em Maquiavel (2000 - 177), a política constitui um espaço que pode abrigar a arte da ação política, uma vez que os homens podem corrigir a sorte com a virtude, como escreve este pensador (CHAIA p. 19, 2007).

Segundo Chaia, a origem da relação arte e política surge em Maquiavel. Para Chaia, o livro *O Príncipe* é o início da discussão. Trata-se de uma obra clássica enaltecida em nosso país por diversos eixos acadêmicos diferentes, sempre sendo mencionada em obras e durante as aulas. No entanto, não farei mais comentários a respeito do livro, em razão da brevidade que tenho para apresentar o capítulo, e levando em conta outros autores mais relevantes para a pesquisa, que serão citados posteriormente.

Temos consciência de que quando um artista produz sua arte, seja ela literatura, pintura, peça de teatro, poesia, música, dança, escultura, entre outras coisas, a/o artista ou o/a ator/atriz tem alguma finalidade, objetivos, pois não é por acaso o surgimento de uma produção artística, sobretudo quando a arte expressada é pensada como uma obra de resistência, algo instrutivo.

Mesmo com o controle do capital financeiro tomando conta do mercado em diversos ramos, como filmes, músicas, livros, esculturas e pinturas, diversas atrizes e artistas como um todo viabilizam formas de expressar algo revolucionário em sua atuação. Muitas vezes através de algo simples, como um posicionamento político ou uma carta de repúdio ou nota de repúdio, outras vezes uma peça de teatro ou um filme, podem apresentar à sociedade algo desconhecido e inovador.

No caso do grupo de rap Racionais Mcs, desde seu início até à atualidade, é notório em todas as suas obras o desejo de transformação na sociedade, uma transformação pretensiosa que busca melhorá-la. Isso acontece não apenas em uma ou duas músicas, mas em diversos álbuns, na verdade em quase todos, como veremos nos capítulos dois e três. Não foi uma música específica ou um fato específico, mas uma vida inteira dedicada a busca por transformação, onde as pessoas pobres precisam do suporte do Estado e não possuem.

Embora a arte que sempre é apresentada pela grande mídia seja em quase sua totalidade uma arte de alienação, na atualidade a grande mídia coloca um ou outro assunto progressista em pauta, como o feminismo, a tolerância às minorias e outras coisas nas novelas e filmes produzidos aqui no Brasil. Eu costumo classificar este fato

como uma gota no meio do Oceano, pois as músicas e os outros 90% ou mais de conteúdos destes mesmo filmes e novelas são para a alienação. Não podemos esquecer da aliança política dos poderosos proprietários das mídias com a pior espécie de políticos no Brasil - esses milionários são aliados dos políticos do centrão, de ex-presidentes, como o golpista Michel Temer, e outros que prejudicaram muito o país, como José Sarney e Fernando Collor de Melo.

Afirmo que as grandes mídias de massa no país utilizam arte e política a seu favor, alienando as massas, gerando desgosto pelo bem comum, condenando gente inocente, abafando ou encobrindo escândalos de corrupção. Na verdade, eles até mostram, mas somente quando não tem mais jeito de ocultar devido denúncias de concorrentes, ou quando percebem que veículos midiáticos de outros países estão repercutindo.

Não é à toa que o grupo Racionais Mcs se ausenta dos grandes meios de comunicação, e mesmo sem aceitar convites para aparecer em canais de TV e grandes rádios, o grupo liderado por Mano Brown conquistou o Brasil e o mundo com sua poesia revolucionária, poesia esta que classifico como ativismo político e social, ativismo que procura melhorar a vida do povo pobre e preto, ativismo que visa transformar o bem-estar dos favelados, das mulheres humildes, de pretas e pretos dos *guetos* e comunidades. Assim será apresentada a arte dos rappers nos capítulos dois e três desta dissertação.

Como podemos observar, a arte e a política aparecem como instrumentos de revolução, resistência e ativismo político ao longo dos anos. Acredito que no tempo contemporâneo, o maior objetivo de artistas que são ativistas ou produzem arte como ativismo, é a transformação para melhor, ou seja, melhorar algo que está ruim, mudar o que não vai bem. Resumidamente, essa é a crença. Leia o trecho abaixo:

Na politização da arte, tende a adquirir um sentido pragmático, a partir da fusão de interesses individuais e institucionais, tanto que nessa produção se manifesta a ambiguidade nascida da livre vontade do artista e do entendimento de que a arte é um meio de transformação (gradativa ou revolucionária) da sociedade (CHAIA, 2007, p. 24).

Para concluir, é plenamente possível afirmar que arte e política são formas de transformar a sociedade, buscando justiça, buscando impedir o avanço do ódio, denunciando maldades e absurdos. Mesmo diversos artistas usando suas obras somente para sobreviver ou acumularem capital, há artistas que não mudam sua conduta e desde seu início querem revolução. Esse é o caso do grupo de rap Racionais Mcs, revolucionários da Metrópole de São Paulo para todo o Brasil e o mundo. Revolução cantada, revolução apresentada por meio de poesia, no ritmo do rap, com letras longas e reflexivas. Há outros cantores e compositores que usam ou usaram sua arte como ativismo político e social, mas destacar o grupo paulista, originário da Zona Norte e da Zona Sul da Metrópole, é fazer justiça aos mais de 30 anos de atuação dos rappers.

Mergulhe nos próximos capítulos para não deixar passar despercebido o protagonismo da periferia metropolitana da Capital invadindo inicialmente a cidade de São Paulo, depois ganhando força e voz por todo Estado e país, e avançando mundo afora com vários sucessos, sem perder sua originalidade e propósito.

Capítulo 2 - Ativismo político e social, parte 1: (1989 - 1996)

O grupo de Rap Racionais MCs

Formado por quatro integrantes, sendo eles: Mano Brown, Ice Blue, Edi Rock e KL Jay, o grupo é a maior referência em território nacional no cenário do Rap e do Hip Hop, de modo que artistas, jogadores de futebol, atletas, figuras públicas e milhões de Brasileiros são fãs dos rappers. Possuem mais de 30 anos de sucesso com shows por todo Brasil e no mundo.

A origem

O grupo é natural da capital da metrópole paulistana. Mano Brown e Ice Blue são da Zona Sul, do bairro do Capão Redondo, na região do Jardim Ângela, já Edi Rock e KL Jay são da Zona Norte de São Paulo. Duas duplas de Rap juntaram-se para formar o grupo. KL Jay e Edi Rock eram uma dupla, Brown e Ice Blue, outra.

A primeira música a tocar nas rádios foi "Pânico na Zona Sul". A música saiu antes do primeiro álbum do grupo, lançada em uma coletânea no ano de 1988, pois na época dos discos, fitas cassetes, entre outras coisas, as gravadoras faziam seus lançamentos, com várias músicas de um único gênero, porém músicas de vários artistas ou grupos diferentes. O primeiro álbum nomeado de "Holocausto Humano" foi lançado posteriormente, em 1990. Os jovens de bairro simples, ganhavam adeptos por todo o estado e onde o som deles chegava. Na maioria das vezes por rádios comunitárias ou piratas.

Arte Periférica; Tipo de Arte

A partir de um breve acontecimento citado no capítulo um, é ressaltado que o tipo de arte feita e produzida pelos Racionais MCs é uma arte popular. Uma arte que, de fato, chega à maioria da população. É notada a dificuldade que há para a grande maioria da população no Brasil ter acesso a teatro, museu, memorial, sítios arqueológicos, bibliotecas de grandes dimensões, entre outros espaços artísticos. O grupo vivenciou tal dificuldade de acesso a espaços artísticos, porém, isso não foi empecilho para os quatro jovens periféricos do Jardim Ângela, na Zona Sul, e da Zona

Norte de São Paulo produzirem arte periférica de consumo popular, retratando o cotidiano de jovens pobres e pretos.

O grupo Racionais MCs, inicialmente, chega para iletrados, pessoas com pouca instrução educacional, e, ao longo do tempo, adentra em todos os ambientes, inclusive na academia. Os rappers da periferia paulistana não são cultura erudita não são contudo, compõem poesias que se tornaram hinos para milhões de brasileiras e brasileiros, passando por cima de racismo, xenofobia, aporofobia, ódio, e outros males utilizados por pessoas preconceituosas.

Jovens periféricos eram fortemente influenciados pelos negros norte-americanos. A produção artística periférica dos Estados Unidos chegava com facilidade ao Brasil, sobretudo na cidade de São Paulo. Ao ritmo de jazz, soul, charme, rap, hip hop, miami bass etc. surgiam bailes black, encontros na estação São Bento e outros eventos artísticos e culturais. A maioria das periferias no Brasil têm fortes semelhanças até os dias de hoje com o Jardim Ângela. Comumente, a juventude é eclética no consumo de arte audível, ouvindo vários ritmos musicais ao mesmo tempo, e se entre os anos 70 e 90 a influência periférica dos EUA estava forte, o samba nunca perdeu seu espaço. Abaixo, Tiaraju fala sobre a estação São Bento:

[...] os encontros na estação São Bento tiveram um caráter fundacional no que tange ao hip-hop brasileiro. Sobre este ponto, a pesquisa não encontrou discordância em nenhuma outra fonte consultada. Sobre o caráter dessas reuniões, vale ressaltar que, ainda que fosse um espaço essencialmente organizado para a dança, confluíram à estação São Bento (TIARAJU, 2013 p 68).

Sobre o samba, esse ritmo tem origem no tambor africano, nos morros e periferias. Na cidade de São Paulo surgiram escolas de samba e bandas carnavalescas difundindo esta arte. As periferias consumiam muito samba, e é com o povo periférico que são fundadas as primeiras escolas de samba. Assim como o rap e o funk, o samba foi muito marginalizado, e o sambista mais reconhecido do passado na cidade de São Paulo foi Adoniram Barbosa.

Poesia, rap, hip hop e mixagem

Os quatro jovens pretos de periferias da Zona Norte e da Zona Sul iniciam suas poesias escritas com as influências citadas nos dois últimos parágrafos acima. Essas poesias ganham batidas e ritmos, mixagens. E no final dos anos 80, o grupo começa a tocar em rádios e cantar em eventos. Têm forte influência do Movimento Negro Unificado (MNU), Malcolm X, Martin Luther King, Che Guevara, Two Pac, Public Enemy, entre outros.

Suas letras são marcadas por situações do cotidiano nas favelas, comunidades pobres, morros e vielas das metrópoles, sobretudo na cidade de São Paulo. Seus dois primeiros álbuns "Holocausto Humano" (1990) e "Escolha seu caminho" (1992) apresentam letras denunciando a violência sofrida dentro das comunidades - jovens eram assassinados por motivos banais. Outro assunto bem repetido nas músicas é o racismo. Já no final dos anos 80 o grupo combatia o racismo através da arte. Muitas pessoas pobres, com poucas condições de adquirir livros ou sem interesse em literatura ou história aprenderam sobre Malcom X e Martin Luther King ouvindo Racionais MCs.

Há músicas que relatam a ausência do estado, a falta de escola e políticas sociais, o álbum "Raio X do Brasil", na música "O homem na estrada" fala sobre um homem que tenta se recuperar, mas não consegue emprego e é assassinado brutalmente, sem motivo. A música "fim de semana no Parque", mostra um jovem que só quer se divertir, porém, não tem condições econômicas para adquirir brinquedos, como, por exemplo: uma bicicleta. Ao longo dos anos, foram gravados outros álbuns, sempre apontando a ausência do estado.

Repercussões com o passar dos anos, o som dos Racionais MCs ganharam a juventude pobre e simples. Inicialmente, o sucesso começou na capital, em 1991 fazendo a abertura do show do grupo de rap Norte Americano, Public Enemy, no ginásio do Ibirapuera. O lançamento do terceiro álbum aconteceu na quadra da escola de samba Rosas de Ouro, para cerca de 10 mil pessoas. Nesse momento, a fama e o sucesso já eram realidade.

A juventude pobre, preta, das comunidades, da grande São Paulo, Interior, Litoral e de várias partes do Brasil abraçou o grupo, porque identificava-se com as músicas e a maneira de falar dos rappers. Mesmo com o sucesso e fama, os cantores não desejavam aparecer em grandes mídias, sendo vistos pouquíssimas vezes em canais abertos.

O final dos anos 80 e início dos 90 carregava consigo a volta da democracia ao país, após duros anos, no qual a ditadura militar governou o país mediante um golpe. Foram anos de chumbo - com torturas, abuso sexual, censura dos meios de comunicação e morte de opositores - O que ocultava qualquer tipo de corrupção e crime por parte do governo ditador.

Com a volta da liberdade na mídia, a juventude das periferias começaram a expressar o seu dia a dia através da arte, importando dos Ghetos Norte Americanos o Rap e o Hip Hop. Um estilo de música que relatava as injustiças vivenciadas pelas classes operárias, como mazelas, ausência do Estado, falta de proteção de quem deveria proteger, entre outras coisas.

O primeiro álbum

“Holocausto Urbano” foi o título do primeiro álbum do grupo, sendo lançado um LP (disco), com seis músicas. Das seis músicas, duas já eram conhecidas do público, pois foram lançadas na coletânea “Consciência Black vol 1”, Pânico na Zona Sul” e “Tempos Difíceis”. As outras quatro músicas são “Hey Boy”, “Mulheres Vulgares”, “Racistas Otários”, e “Beco sem Saída”. Com temas polêmicos expressando a pobreza e a violência da época na capital, o álbum ganhou notoriedade entre a juventude paulistana e paulista foi, introduzido em comunidades pobres e favelas da cidade, do Estado, ficando difundido Brasil afora.

Sexta música do álbum, “Tempos Difíceis” relata a pobreza e a dificuldade da população pobre em viver em meio a falta de tudo. A música aborda a falta de comida e pessoas morrendo de fome. Triste realidade que o Brasil viveu até serem instalada as

políticas públicas por governos progressistas da esquerda. Porque o problema da fome no país, só foi erradicado, depois de anos difíceis de luta dos governos Lula e Dilma. Contudo, sempre que a direita volta ao poder, o fantasma da fome assola as camadas mais pobres das metrópoles. Vejamos abaixo um trecho da música.

[...] Milhões de pessoas boas morrem de fome. E o culpado, condenado disto é o próprio homem. O domínio está em mão de poderosos, mentirosos. Que não querem saber. Porcos, nos querem todos mortos [...]

Quinta música do álbum “Racistas Otários”, relata acerca do racismo uma das lutas de causa do grupo, desde o início, até os dias atuais. A quarta música “Mulheres Vulgares” foi lançada na época sem ressalvas, com a ascendência do feminismo, diversos pontos são tratados como polêmicos. A terceira música "Hey Boy" apresenta a narrativa de um jovem de classe média alta que vai para uma favela e é confrontado em um diálogo com um morador da favela. A segunda música é “Beco sem Saída”, mostra a dificuldade de pretos e pobres, a falta de dinheiro, a falta de emprego, a falta de abrigo e a falta de esperança.

Todas as seis faixas podem ser facilmente objeto de pesquisa, devido a riqueza em apresentar o cotidiano de jovens pretos e pobres do extremo Sul de São Paulo e de favelas da Zona Norte da Capital. Entretanto, será dado destaque maior à primeira música, “Pânico na Zona Sul”, de modo a comparar a letra com apreciações da academia referente aos temas mencionados. A música tem duração de quatro minutos e quarenta segundos, e foi composta por Mano Brown.

Pânico na Zona Sul

Aqui é Racionais MC's, Ice Blue, Mano Brown, KLJay e eu EdyRock."

- E ai Mano Brown, certo?
 - Certo não está né mano, e os inocentes quem os trará de volta?
 - É... a nossa vida continua, e ai quem se importa?
 - A sociedade sempre fecha as portas mesmo...
 - E ai Ice Blue...
 - PÂNICO...
 Então quando o dia escurece
 Só quem é de lá sabe o que acontece
 Ao que me parece prevalece a ignorância
 E nós estamos sós
 Ninguém quer ouvir a nossa voz
 Cheia de razões calibres em punho
 Dificilmente um testemunho vai aparecer
 E pode crer a verdade se omite
 Pois quem garante o meu dia seguinte
 Justiceiros são chamados por eles mesmos
 Matam humilham e dão tiros a esmo
 E a polícia não demonstra sequer vontade
 De resolver ou apurar a verdade
 Pois simplesmente é conveniente
 E por que ajudariam se eles os julgam delinquentes
 E as ocorrências prosseguem sem problema nenhum
 Continua-se o pânico na Zona Sul.
 Pânico na Zona Sul
 Pânico...
 Eu não sei se eles
 Estão ou não autorizados
 De decidir que é certo ou errado
 Inocente ou culpado retrato falado
 Não existe mais justiça ou estou enganado?
 Se eu fosse citar o nome de todos que se foram
 O meu tempo não daria pra falar MAIS...
 Eu vou lembrar que ficou por isso mesmo
 E então que segurança se tem em tal situação
 Quantos terão que sofrer pra se tomar providência
 Ou vão dar mais algum tempo e assistir a sequência
 E com certeza ignorar a procedência
 O sensacionalismo pra eles é o máximo
 Acabar com delinquentes eles acham ótimo
 Desde que nenhum parente ou então é lógico
 Seus próprios filhos sejam os próximos
 E é por isso que
 Nós estamos aqui
 E ai mano Ice Blue...
 Pânico na Sona Sul
 Pânico...
 Racionais vão contar
 A realidade das ruas
 Que não media outras vidas
 A minha e a sua
 Viemos falar
 Que pra mudar
 Temos que parar de se acomodar
 E acatar o que nos prejudica
 O medo
 Sentimento em comum num lugar

Que parece sempre estar esquecido
 Desconfiança insegurança mano
 Pois já se tem a consciência do perigo
 E ai?
 Mal te conhecem consideram inimigo
 E se você der o azar de apenas ser parecido
 Eu te garanto que não vai ser divertido
 Se julgam homens da lei
 Mas à respeito eu não sei
 Muito cuidado eu terei
 KLJay
 Eu não serei mais um porque estou esperto
 Do que acontece Ice Blue
 Pânico na Zona Sul
 Pânico na Zona Sul
 Pânico...
 Ei Brown
 Você acha que o problema acabou?
 Pelo contrário ele apenas começou
 Não perceberam que agora se tornaram iguais
 Se inverteram e também são marginais Mas...
 Terão que ser perseguidos e esclarecidos
 Tudo e todos até o último indivíduo
 Porém se nos querermos que as coisas mudem
 Ei Brown qual será a nossa atitude?
 A mudança estará em nossa consciência
 Praticando nossos atos com coêrcencia
 E a consequência será o fim do próprio medo
 Pois quem gosta de nós somos nós mesmos
 Tipo porque ninguém cuidará de você
 Não entre nessa a toa
 Não de motivo pra morrer
 Honestidade nunca será demais
 Sua moral não se ganha, se faz
 Não somos donos da verdade
 Porém não mentimos
 Sentimos a necessidade de uma melhoria
 A nossa filosofia é sempre transmitir
 A realidade em si
 Racionais MC's
 Pânico na Zona Sul
 Pânico...
 Certo, certo... Então irmão
 Volte a atenção pra você mesmo
 E pense como você tem vivido até hoje certo?
 Quem gosta de você é você mesmo
 Nós somos Racionais MC's
 DJ KLJay, Ice Blue, Edy Rock e eu... Brown.
 PAZ...
 Pânico.

Utilizando um método analítico, será apresentada uma breve síntese sobre a letra, dividida em quatro partes. O refrão "Pânico na Zona Sul", é entoado

aproximadamente quatro vezes, portanto ela é partilhada em três ou quatro partes, de modo que, cada parte retrata o que a letra apresenta antes do refrão. De maneira sincera, expressa a realidade do final dos anos 80, será observada a violência explícita nas favelas da metrópole paulistana.

A primeira parte da letra, inicia-se com um diálogo entre Mano Brown e Ice Blue, com a apresentação de todos os integrantes e a constatação de que e a constatação que inocentes estão sendo mortos. Inicialmente, é citado que não há importância com a vida, e que a verdade é omitida. Nas primeiras partes da letra, faz-se uma citação sobre a violência - quando o dia escurece, é dito que "justiceiros matam" e que a Segurança Pública não demonstra vontade de resolver tais problemas.

Denúncias que foram expostas por Mano Brown, quando a letra foi redigida, vão de encontro aos alertas feitos por pesquisadores e acadêmicos, os problemas da criminalidade, da violência e situações semelhantes do cotidiano de pessoas pobres em comunidades precárias. Boris Fausto⁷ fala sobre tal situação.

[...] muito conhecida em suas linhas gerais e aqui indicadas sumariamente, a criminalidade tornou-se uma dimensão da vida de São Paulo, seja sob o ângulo dos fatos materiais, seja pela sua interiorização subjetiva sob forma de insegurança que passou a integrar a vida das pessoas, em grau maior ou menor (FAUSTO, Boris. 1983, p. 196).

A segunda parte traz que não existe justiça, referindo-se aos jovens pobres e pretos da favela e da periferia. Não há segurança e a Segurança Pública não toma nenhuma providência sobre o problema da violência. O contexto em que a letra é escrita e cantada retrata uma violência muito superior a que presenciamos nos dias atuais, sendo violência letal, com mortes. Mariza Correia⁸ apresenta algo nesse sentido, quando dialoga e comenta sobre os temas, violência urbana, metrópole, homicídios e semelhança. Observe abaixo.

⁷ Boris Fausto escritor, historiador formado pela Universidade de São Paulo.

⁸ Mariza Correia: Acadêmica, foi professora de Antropologia na Universidade Estadual de Campinas.

Para definir a violência urbana no contexto das metrópoles brasileiras é preciso inicialmente separar a ocorrência de atos violentos em situações de criminalidade (assaltos, homicídios, agressões físicas), da violência inerrante as condições de vida das camadas de mais baixa renda que provocam prejuízos mentais, físicos e sociais nos indivíduos a elas submetidos cotidianamente. (CORRÊA, Mariza. 1983, p 240).

A terceira parte ainda denuncia que não se medem vidas para o uso da violência, ou seja, matam com tranquilidade, e a morte é uma realidade. Nessa parte a letra anuncia uma proposta para mudança, de modo que o povo pare de se acomodar com sua triste realidade. A quarta parte cita que o problema não acabou, os cantores afirmam "querer que as coisas mudem", apresentando uma busca por melhorias. Após o último refrão, ocorre o fim do diálogo e se encerra a letra. Zaluar⁹ mostra uma sucinta reflexão onde aponta o assunto.

A associação entre criminalidade e pobreza é evidente quando penetrarmos nas ruas internas de qualquer dos conjuntos habitacionais reservados à população pobre desta cidade. Mas não é exatamente a sugerida pelos números das séries estatísticas. Nestas ruas, as marcas do que denominamos criminalidade aparecem lado a lado com claros sinais de miséria social e moral. (ZALUAR. 1983, p 253).

Música polêmica, “Pânico na Zona Sul” tocou o coração de jovens brasileiros na abordagem de situações de violência e criminalidade. Casos constantes como a ausência do Estado, ausência do município, ausência de políticas públicas, em síntese, a canção faz apologia a vida, defende a vida do oprimido, a vida dos pobres, das pretas e dos pretos. Defende o povo periférico da metrópole.

Tais relatos de Mano Brown, Ice Blue, Edy Rock e KL Jay embasam as situações anunciadas anteriormente por pesquisadores, como as citações encontradas acima. Ou

⁹ Alba Maria Zaluar: Antropóloga e escritora.

seja, o grupo que surge no extremo da cidade de São Paulo escreve e canta, é objeto de pesquisa de acadêmicos em diversos centros de estudos, apresentando diálogos como alguns, aqui brevemente citados.

1992, Segundo Álbum

O segundo album , lançado no final de 1992, surge para consolidar o grupo no cenário nacional. O disco "Escolha Seu Caminho" inclui quatro faixas, na verdade são duas músicas, sendo elas: "Voz Ativa" e "Negro Limitado", entretanto a música "Voz Ativa" é lançada em três versões, assim o LP tem as músicas por ordem: 1 "Voz Ativa" (versão rádio), 2 "Voz Ativa" (versão baile), 3 "Negro Limitado", 4 "Voz Ativa" (versão capela). Uma reflexão abrangente expondo a realidade da periferia na metrópole paulistana marca o LP. Letras de forte conteúdo, tratam sobre a violência, juventude, racismo, pobreza, entre outros assuntos.

Na letra da música " Negro Limitado" os autores Edy Rock e Mano Brown visam encorajar seus ouvintes a não serem limitados a assuntos simples e, ao contrário, abandonarem a limitação. A canção mostra um diálogo, no qual o jovem pode ser limitado ou não, sendo que o caminho para abandonar a limitação é a educação e a cultura. Diferente de diversas músicas que apenas relatam um caso de romance, ou uma traição em um relacionamento, a música "Negro Limitado" incentiva o povo pobre e preto a escolher um outro caminho que não seja o comodismo, a limitação e a conformidade.

Então, vocês que fazem o RAP aí, são cheios de ser professor, falar de drogas, polícia e tal, e aí, mostra uma saída, mostra um caminho e tal, e aí?" Cultura, educação, livros, escola [...]

Acima, nas duas primeiras linhas, apresenta a continuidade de um diálogo - o jovem pergunta ao grupo qual é a saída, e o grupo responde, " Cultura, educação, livros, escola". Essa música foi apresentada ao Brasil em 1992 onde havia um índice gigantesco de evasão escolar. Naquele período era muito comum jovens pobres abandonarem a escola para trabalhar. Faltavam vagas nas escolas, poucas tinham aula

durante a noite e é nesse contexto, que o grupo periférico fala sobre educação e escola.

A canção "Voz Ativa" é apresentada em três versões: versão rádio (a primeira música do álbum), versão baile (a segunda música do álbum) e versão capela (a quarta e última música do álbum). A letra permanece igual nas três versões, o que é alterada é a forma em que a letra é apresentada, nas versões baile e rádio são acompanhadas de batidas elaboradas pelo DJ KL jay, e na versão capela, a música é entoada sem nenhuma batida, apenas as vozes dos rappers são ouvidas. Observe abaixo a letra revolucionária apresentando arte e política.

Eu tenho algo a dizer. E explicar pra você. Mas não garanto porém
 Que engracado eu serei dessa vez
 Para os manos daqui. Para os manos de lá. Se você se considera um negro
 Pra negro será MANO!!! Sei que problemas você tem demais
 E nem na rua não te deixam na sua
 Entre madames fodidas e os racistas fardados
 De cérebro atrofiado não te deixam em paz. Todos eles com medo generalizam
 demais
 Dizem que os negros são todos iguais. Você concorda...
 Se acomoda então, não se incomoda em ver. Mesmo sabendo que é foda
 Prefere não se envolver.
 Finge não ser você E eu pergunto por quê? Você prefere que o outro vá se
 foder.
 Não quero ser o Mandela. Apenas dar um exemplo. Não sei se você me
 entende
 Mas eu lamento que. Irmãos convivam com isso naturalmente
 Não proponho ódio, porém. Acho incrível que o nosso conformismo
 Já esteja nesse nível. Mas Racionais, existente nunca iguais
 Afro dinamicamente manter a nossa honra viva. Sabedoria de rua
 O RAP mais expressivo (Heim...). A juventude negra agora tem a voz ativa
 (Pode crer)
 Pois quem gosta gosta, de Nós (Hum...)
 Somos Nós, Nós, Nós, Nós mesmos (Hum...)
 Pois quem gosta, gosta, (Scratches), gosta de Nós
 Somos Nós, Nós, Nós, Nós mesmos (Hum...)
 Pois quem gosta, gosta, (Scratches), gosta de Nós
 Somos Nós, (Scratches), Nós mesmos (Hum...)
 Pois quem gosta de Nós
 Somos Nós, (Scratches), Nós mesmos
 Precisamos de um líder de crédito popular. Como Malcom X em outros tempos
 foi na América. Que seja negro até os ossos, um dos nossos
 E reconstrua nosso orgulho que foi feito em destroços. Nossos irmãos estão
 desnorteados. Entre o prazer e o dinheiro desorientados
 Brigando por quase nada. Migalhas coisas banais
 Prestigiando a mentira. As falas desinformado demais

Chega de festejar a desvantagem. E permitir que desgastem a nossa imagem
 Descendente negro atual meu nome é Brown. Não sou complexado e tal
 Apenas Racional. É a verdade mais pura. Postura definitiva
 A juventude negra. Agora tem voz ativa
 Pois quem gosta, (Scratches), gosta, gosta de Nós (Hum...)
 Somos Nós, Nós, Nós, Nós mesmos (Hum...)
 Pois quem gosta, (Scratches), gosta de Nós
 Somos Nós, (Scratches), Nós mesmos (Hum...)
 Pois quem gosta, (Scratches), gosta de Nós
 Somos Nós, (Scratches), Nós mesmos (Hum...)
 Pois quem gosta de Nós
 Somos Nós, (Scratches), Nós mesmos

Mais da metade do país é negra e se esquece. Que tem acesso apenas ao
 resto que ele oferece. Tão pouco para tanta gente. Tanta gente. Tanta gente na
 mão de tão pouco. Pode crer
 Geração iludida uma massa falida. De informações distorcidas, subtraídas da
 televisão
 Fodidos estão sem nenhum propósito. Diariamente assinando o seu atestado
 de óbito
 Pô to cansado de toda essa merda que eles mostram na televisão
 Todo dia mano...não aguento mais é foda mano...
 Mas onde estão. Meus semelhantes na TV. Nossos irmãos. Artistas negros de
 atitude e expressão? Você se põe a perguntar por que
 Eu não sou racista. Mas meu ponto de vista é que
 Esse é o Brasil que eles querem que exista
 Evoluído e bonito, mas sem negro no destaque
 Eles te mostram é um país que não existe. Escondem nossa raiz
 Milhões de negros assistem. Engraçado que de nós eles precisam
 Nosso dinheiro eles nunca discriminam. Minha pergunta que fica
 Desses artistas tão famosos. Qual você se identifica?
 Então, Leci Brandão, Moisés da Rocha, Thaíde e Dj Hum, Ivo Meireles,
 Moleques de Rua e tal. E da Zona leste de São Paulo Grupo DMN. Pode crer é
 isso ai.
 Nossos irmãos estão desnorteados. Entre o prazer e o dinheiro desorientados
 Mulheres assumem a sua exploração. Usando o termo mulata como profissão
 É mal... Modelos brancas no destaque. As negras onde estão...? Ham Desfilam
 no chão em segundo plano. Pouco original mais comercial a cada ano
 O carnaval era a festa do povo. Era...mas alguns negros se venderam de novo
 Brancos em cima negros em baixo. Ainda é normal natural, 400 anos depois
 1992 tudo igual. Bem Vindos ao Brasil colonial e tal
 Precisamos de nós mesmos essa é a questão. DMN meus irmãos descrevem
 com perfeição então
 Gostarmos de nós brigarmos por nós. Acreditarmos mais em nós
 Independente de que os outros façam. Tenho orgulho de mim, um rapper em
 ação
 Nós somos negros sim de sangue e coração. Mano Ice Blue me diz
 Justiça é que nos motiva a minha a sua. A nossa voz ativa
 Racionais, Racionais, Racionais
 Ra, Ra, Racio, Ra, Ra, (Scratches), Ra, Ra, (Scratches), Ra, (Scratches), Ra,
 (Scratches), Ra, Racionais
 Edy Rock / Mano Brown

De maneira panorâmica e sucinta, serão apresentados os assuntos tratados pelo grupo. A letra que foi redigida por Edi Rock e Mano Brown tem a participação de todos os integrantes, na produção da base KL Jay elaborou os ritmos que acompanham as vozes, e Ice Blue também tem aparição na gravação da música, assim como os autores. O breve cenário sobre a música será mostrado em três partes conforme a divisão da canção, com o refrão sendo repetido duas vezes. A composição gravada apresenta diálogo e discurso. A primeira parte é o início do diálogo introdutório e pequeno discurso, em seguida vem o refrão com diálogo e discurso, sendo sua segunda vez e última. Após a segunda aparição do refrão vem a continuidade do diálogo do discurso. O refrão por sua vez enfatiza "Pois quem gosta de nós, somos nós mesmos ". Percebem-se as divisões.

A primeira parte da letra inicia o diálogo, abordando a conformidade de pessoas pretas e pobres, que convivem com o descaso e, com o preconceito de racistas. Os autores citam o genial Nelson Mandela "Não quero ser o Mandela. Apenas dar um exemplo". Referindo-se aos ouvintes de "mano", gíria comum entre a juventude, a ideia não era apenas usar uma gíria, mas despertar irmãos e irmãs pretas e pobres a lidarem com as dificuldades.

Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar. MANDELA, 2015 p 08.

O pacifista Nelson Mandela, compreendia que o racismo tinha em suas raízes o ódio, para ele as pessoas não nascem com o desejo de odiar, porém aprendem a reproduzí-lo. O pacifista e político Mandela afirma que se as pessoas aprenderam a odiar, também podem aprender a amar. E de fato o ódio é um dos alimentos para o preconceito e racismo. Portanto, o grupo ao afirmar que não queria ser " um Mandela ", eles afirmam que não são pacifistas ou políticos que apregoam o amor e o fim da guerra, mas enfrentam a situação com o que possuem - a arte e a música.

Na segunda parte da letra, é citada a necessidade de liderança para conduzir o povo, na interpretação feita referente ao que quis dizer os escritores, é notado um anseio, a fim de que o povo pobre e preto comprehenda que as coisas precisam melhorar, mudar para melhor. Nessa segunda parte afirmam a necessidade de uma liderança semelhante a de Malcom X " Precisamos de um líder de crédito popular. Como Malcom X, em outros tempos foi na América". Se na atualidade são verdadeiros e reais o racismo e o sofrimento de pobres e pretos no Brasil, imagine no início dos anos 90, sem meios de tecnologia que garantissem simples segurança, ou comprovação de algumas verdades. Apesar disso, a segunda parte cita a necessidade de direção como a do ativista.

Temos um inimigo em comum. Temos isto em comum: temos um opressor em comum, um explorador em comum e um discriminador em comum. Mas, uma vez que todos nós percebemos que temos esse inimigo em comum, então, com base no que temos em comum, nos unimos. E o que temos em primeiro lugar em comum é aquele inimigo ... MALCOM X, 1963

Líder libertador contra o racismo Norte Americano, Malcom X possuia comando assíduo, com mobilização, organização, embates e muita disposição para lutar contra o racismo em seu país. Na música o grupo Racionais menciona a necessidade de haver um líder como Malcom, alguém disposto a enfrentar tal situação. Perceba que o discurso é do ano de 1963, e quase trinta anos depois, ainda faz-se necessário seguir tal luta.

" Mais da metade do país é negra e se esquece que tem acesso apenas ao resto que ele oferece. Tão pouco para tanta gente. Tanta gente. Tanta gente na mão de tão pouco...", assim inicia a terceira e última parte, que traz a desigualdade, a pobreza. Não somente isso, mas a última parte pergunta: onde estão as pretas e pretos na TV?" Visivelmente é notado a sequência que dialoga com irmãs e irmãos negros sobre a miséria, pobreza, preconceito, racismo e sofrimento do povo pobre e preto.

Defender seus irmãos e irmãs, seu povo através da arte é a tendênciia nesta letra. Alertando, entoando uma "Voz Ativa" na juventude Brasileira, sendo um despertar

em partes pobres nas metrópoles. Recado passado, mensagem fortíssima. Vale lembrar que grande parte dos ouvintes não conheciam Malcom X, muito menos Nelson Mandela e a partir da música, passaram a conhecer, de fato é uma "Voz Ativa".

1993 - 1996, o descaso e relegação do governo e da elite referentes aos pobres do Brasil

No final de 1993, o grupo apresenta a seus fãs seu terceiro álbum " Raio X do Brasil ", os rappers conheciam como ninguém as periferias da metrópole paulistana, pois seus integrantes viviam em comunidades da Zona Norte, e da Zona Sul, comunidades que ao longo dos álbuns sempre são citadas e lembradas pelos artistas. Como na música "Fim de semana no Parque" que ao iniciar a canção, faz uma dedicação a "toda comunidade pobre da Zona Sul". As letras denunciam o que de fato acontece no seu dia a dia.

Mesmo com o retorno da democracia, onde o povo pode voltar a escolher seus representantes para executivo e legislativo, o investimento para acabar com a miséria e a pobreza não era o esperado. A luta contra a fome era constante, saúde e educação eram abandonadas. Questões como habitação, segurança, esgoto, estavam estagnados por parte do governo Federal. O presidente era Fernando Collor de Mello, que fez uma gestão sem compromissos sociais durante o tempo que governou o Brasil e finalmente renunciou para não receber impeachment, perdendo o mandato.

O álbum contém oito faixas, sendo elas: 1- Introdução, 2- "Fim de semana no Parque", 3- Parte 2, 4- "Mano na porta do bar", 5- "Homem na Estrada", 6- "Júri nacional", 7- "Fio da navalha", 8- Agradecimentos. O LP foi lançado no final de dezembro de 1993, assim como os outros álbuns, a gravadora era a Zimbabwe Records, que havia publicado os dois primeiros álbuns do grupo. "Holocausto Urbano", e "Escolha Seu Caminho", discografia abordada anteriormente.

Introdução não é uma música, sim uma fala sobre o ano 1993 e o retorno dos rappers, uma fala curta introduzindo o álbum aos ouvintes. Na introdução os rappers falam sobre liberdade de expressão, denúncia, diversão e autoconhecimento. Os artistas também

citam o direito dos jovens negros. Essa é a faixa número um do álbum que contém trinta e seis segundos. A faixa número dois é “Fim de Semana no Parque” e será a última letra a ser abordada.

“Parte II” é a terceira música do álbum. A canção mostra um diálogo entre membros do grupo e uma garota que não é solteira, no entanto, deseja ficar com os músicos aparentemente traindo seu companheiro, no início da conversa a garota tenta ficar com o Edi Rock, e no diálogo Edi Rock inicialmente resiste e, não quer ficar com a garota por ela ter compromisso, em outra parte da música a garota tenta ficar com Ice Blue e ele também resiste. Essa música não trata dos problemas de políticas públicas ou racismo, porém aponta algo do cotidiano dos então jovens artistas, que iniciam uma carreira promissora de sucesso. Até os dias atuais o respeito à mulher comprometida é um fato muito recorrente nas comunidades pobres do Estado de São Paulo, sobretudo em favelas da metrópole paulistana.

“Mano na Porta do Bar” é a quarta música do álbum, a música tem seis minutos e treze segundos de duração. A letra fala sobre um jovem que era um bom filho e um bom irmão, um jovem do bem que ficava na porta do bar, cercado de amigos e tinha uma namorada, era um jovem feliz. “Ele é feliz e tem o que sempre quis. Uma vida humilde, porém sossegada”. Ainda ao decorrer da letra, esse jovem que sempre estava na porta do bar percebe que está sem dinheiro, e devido ao capitalismo, necessita de mais coisas, além do que sua vida feliz já lhe dava. “O seu status depende da tragédia de alguém, é isso, capitalismo selva”. Os autores apresentam a inserção deste jovem no crime, devido ao consumismo e capitalismo selvagem. Esse jovem citado na música entra para o crime e acaba sendo assassinado na porta do bar. Deste modo, os autores mostram a mudança repentina de um jovem sossegado, que ao adentrar no mundo do crime acaba sendo assassinado. Essa foi e ainda é a realidade de muitos jovens na cidade de São Paulo e em várias cidades do Brasil.

“Homem na Estrada” é a quinta faixa do álbum e tem oito minutos e quarenta e um segundos, essa canção ao lado de “Fim de Semana no Parque” se tornaram as mais famosas do álbum, levando o som do grupo ainda mais longe. Quem ainda não conhecia, passou a conhecer o grupo, e mesmo com conteúdo grave de denúncias e

revolução, o som passou a tocar além das rádios comunitárias, principalmente as canções “Fim de semana no Parque” e “Homem na Estrada”.

A letra mostra um homem que tenta mudar de vida, após ser uma pessoa que praticou crime, agora não deseja mais cometê-los, quer seguir uma vida longe da maldade e do ilícito. "...Que se recuperou e quer viver em paz. Não olhar para trás, dizer ao crime: Nunca mais..." Com uma letra marcante, além de apresentar um homem que não quer mais ser um bandido, mostra a dificuldade para quem almeja deixar o crime e vive em uma favela, sem estrutura familiar e, sem apoio dos representantes eleitos que nada fazem pela melhoria social. Narra o cotidiano desse homem que não quer mais ser criminoso, ao decorrer apresenta, que devido a sua passagem pela cadeia a dificuldade em obter emprego era grande, e no final da canção esse homem é assassinado, deixando a sua mãe desolada. Ainda sobre a letra da música ela foi lida no Congresso Nacional e no Programa do Jô na TV globo, pelo então senador Eduardo Suplicy, que dizia ser necessário uma renda básica universal para esse homem periférico iniciar sua vida e abandonar o crime.

"Júri Racial" é a sexta faixa, os rappers falam sobre um jovem preto que abandonou suas origens negra e periférica, envergonhando seus irmãos e fazendo coisas que não são aceitáveis para quem é preto de periferia, ou seja preto que tem atitudes racistas. Nessa canção de quatro minutos e quarenta e nove segundos, os artistas julgam com racionalidade e consideram canalha o preto de periferia que nega suas origens e vive como racista."... Ovelha branca da raça, traidor! Vendeu a alma ao inimigo, renegou sua cor!".

"Fio da Navalha" é a sétima composição do álbum, com quatro minutos e dezesseis segundos, é uma música instrumental, com uma resumida apresentação narrada segundos antes de um longo e bem feito instrumental, como se fosse um momento de relaxar e refletir as fortes falas apresentadas nas músicas anteriores, com intenso discurso sobre o descaso e esquecimento do governo com os pobres.

"Agradecimentos" é a oitava e última faixa que encerra o álbum de três minutos e seis segundos. Contém uma batida e a fala dos rappers agradecendo a Deus, amigas,

amigos, familiares, comunidades, favelas entre outros. Aliás, abaixo será apresentada a letra da música "Fim de Semana no Parque". Em seguida a apreciação da letra, será dividida em partes que dialogam com autores sobre os temas abordados. Observe abaixo.

A toda comunidade pobre da Zona Sul!

Chegou fim de semana todos querem diversão. Só alegria nós estamos no verão, mês de Janeiro São Paulo Zona Sul. Todo mundo a vontade calor céu azul

Eu quero aproveitar o sol. Encontrar os camaradas prum basquetebol. Não pega nada. Estou à 1 hora da minha quebrada. Logo mais, quero ver todos em paz

Um dois três carros na calçada. Feliz e agitada toda "prayboyzada"

As garagens abertas eles lavam os carros. Desperdiçam a água, eles fazem a festa

Vários estilos vagabundas, motocicletas. Coroa rico boca aberta, isca predileta
De verde fluorescente queimada soridente

A mesma vaca loura circulando como sempre. Roda a banca dos playboys do Guarujá

Muitos manos se esquecem mas na minha não cresce, sou assim e estou legal, até me leve a mal, malicioso e realista sou eu Mano Brown

Me dê 4 bons motivos pra não ser. Olha meu povo nas favelas e vai perceber

Daqui eu vejo uma caranga do ano. Toda equipada e o tiozinho guiando

Com seus filhos ao lado estão indo ao parque Eufóricos brinquedos eletrônicos

Automaticamente eu imagino A molecada lá da área como é que tá

Provavelmente correndo pra lá e pra cá. Jogando bola descalços nas ruas de terra

É, brincam do jeito que dá. Gritando palavrão é o jeito deles

Eles não tem videogame às vezes nem televisão. Mas todos eles tem Doum, São Cosme e São Damião A única proteção.

No último natal Papai Noel escondeu um brinquedo Prateado, brilhava no meio do mato

Um menininho de 10 anos achou o presente. Era de ferro com 12 balas no pente

E fim de ano foi melhor pra muita gente. Eles também gostariam de ter bicicleta

De ver seu pai fazendo cooper tipo atleta. Gostam de ir ao parque e se divertir, é que alguém os ensinasse a dirigir. Mas ele só querem paz e mesmo assim é um sonho

Fim de semana do Parque Sto. Antônio.

Vamos passear no Parque Deixa o menino brincar Fim de Semana no parque. Vamos passear no Parque Vou rezar pra esse domingo não chover.

Olha só aquele clube que da hora. Olha aquela quadra, olha aquele campo
Olha,

Olha quanta gente. Tem sorveteria cinema piscina quente

Olha quanto boy, olha quanta mina. Afoga essa vaca dentro da piscina

Tem corrida de kart dá pra ver, é igualzinho o que eu ví ontem na Tv,

Olha só aquele clube que da hora, olha o pretinho vendo tudo do lado de for a, nem se lembra do dinheiro que tem que levar. Pro seu pai bem louco gritando dentro do bar, nem se lembra de ontem de onde o futuro, ele apenas sonha através do muro...

Milhares de casas amontoadas ruas de terra, esse é o morro a minha área me espera, gritaria na feira (vamos chegando!). Pode crer eu gosto disso mais calor humano

Na periferia a alegria é igual, é quase meio dia a euforia é geral. É lá que moram meus irmãos meus amigos. E a maioria por aqui se parece comigo

E eu também sou bam bam bam e o que manda O pessoal, desde às 10 da manhã está no samba Preste, atenção no repique atenção no acorde (Como é que é Mano Brown?). Pode crer pela ordem

A número número 1 em baixa-renda da cidade Comunidade Zona Sul é dignidade

Tem um corpo no escadão a tiazinha desse o morro. Polícia a morte, polícia socorro

Aqui não vejo nenhum clube poliesportivo. Pra molecada frequentar nenhum incentivo

O investimento no lazer é muito escasso. O centro comunitário é um fracasso

Mas aí se quiser se destruir está no lugar certo. Tem bebida e cocaína sempre por perto. A cada esquina 100 200 metros

Nem sempre é bom ser esparto. Schimth, Taurus, Rossi, Dreyer ou Campari

Pronúncia agradável, estrago inevitável. Nomes estrangeiros que estão no nosso morro pra, matar e M.E.R.D.A.

Como se fosse ontem ainda me lembro, 7 horas sábado 4 de Dezembro. Uma bala uma moto com 2 imbecis. Mataram nosso mano que fazia o morro mais feliz

E indiretamente ainda faz, mano Rogério esteja em paz. Vigiando lá de cima

A molecada do Parque Regina

Vamos passear no Parque Deixa o menino brincar Fim de Semana no parque.
Vamos passear no Parque. Vou, rezar pra esse domingo não chover

Tô cansado dessa porra, de toda essa bobagem. Alcoolismo, vingança treta malandragem. Mãe angustiada, filho problemático. Famílias destruídas, fins de semana trágicos. O sistema quer isso, a molecada tem que aprender. Fim de semana no Parque Ipê

Vamos passear no Parque Deixa o menino brincar Fim de Semana no parque.
Vamos passear no Parque. Vou, rezar pra esse domingo não chover

"Pode crer Racionais Mc's e Negritude Junior juntos Vamos investir em nós mesmos mantendo

distância das Drogas e do alcool. Aí rapaziada do Parque Ipê, Jd. São Luiz, Jd. Ingá, Parque Arari, Váz de Lima Morro do Piolho e Vale das Virtudes e Pirajussara É isso aí mano Brown (é isso ai Netinho paz a todos)

Composição: Mano Brown / Edi Rock

A música narra um momento de lazer entre jovens que querem se divertir à primeira vista, com esporte, entretenimento e coisas semelhantes, a poesia mostra o parque como um local de recreação, diversão e lazer. Dividida em duas partes, haverá uma breve síntese sobre os assuntos apresentados por Mano Brown e Edi Rock.

Inicia-se com uma dedicação "A toda comunidade pobre da Zona Sul". Após a dedicatória, os poetas falam sobre a chegada do final de semana no mês de janeiro, no qual todos querem se divertir. Na poesia os autores descrevem o tempo com calor e céu azul, da oportunidade de encontrar os amigos "camaradas" do basquete, pois estão próximos ao local onde moram, a "quebrada", como é apresentada na canção. Na sequência são descritos jovens que não são pobres lavando carros se divertindo juntos, festejando, próximo a um homem de mais idade descrito na poesia como "coroa rico". Mais adiante, os poetas descrevem um homem indo ao parque com sua família em um carro do ano e o compositor imagina como devem estar as crianças da comunidade, pois não estão tendo essa oportunidade de irem ao Parque. "...Com seus filhos ao lado estão indo ao parque. Eufóricos brinquedos eletrônicos. Automaticamente eu imagino. A molecada lá da área como é que tá..." assim, o poeta responde sua imaginação referente ao estado das crianças na comunidade, "... Provavelmente correndo pra lá e pra cá. Jogando bola descalços nas ruas de terra. É, brincam do jeito que dá. Gritando

palavrão é o jeito deles. Eles não tem videogame às vezes nem televisão..." Os rappers apresentam a realidade do início dos anos 90, onde muita gente nas periferias não tinham aparelhos eletrônicos como TV e videogame. Seguindo essa primeira parte da análise, os poetas descrevem que as crianças na comunidade não têm tais bens, e a violência e o crime podem chegar primeiro do que a possibilidade de obter posses, por meio de meios honestos. Para terminar a primeira divisão, é descrito que as crianças gostariam de ver seus pais fazendo atividades físicas, esportes e lazer, ou seja os autores mostram pessoas com condições financeiras melhores divertindo-se e indo para o parque, praticando esportes, desfrutando do lazer em família, e com acesso a eletrônicos, coisas que durante toda a década de 90 eram muito difíceis para os pobres nas periferias e muitas pessoas não podiam comprar. A primeira parte analisada dessa poesia é a menção ao que Martin Luther King disse em um de seus discursos. Observe abaixo.

[...] Não, não estamos satisfeitos e só ficaremos satisfeitos quando a Justiça rolar como água e a retidão correr como um rio poderoso..." "...Tenho um sonho de que meus quatro filhos viverão um dia em uma nação onde não serão julgados pela cor de sua pele, mas pelo teor de seu caráter. Tenho um sonho hoje... JR, Martin Luther King. 1963

O ativista por direitos, Martin Luther King Jr. ao revelar seu sonho pelo fim do racismo, ressalta a necessidade de justiça e retidão. Sendo elas a ausência de legisladores executores que governam ou governaram rejeitando a justiça social, a diminuição das desigualdades e ignorando a pobreza. É a ausência de justiça e retidão em governantes que torna as periferias em metrópoles, sem espaços de lazer e esporte para o público e muitas vezes a ausência de honestidade e integridade são acompanhadas de preconceito e racismo.

Em seguida, as primeiras estrofes surgem, pela primeira vez o refrão "Vamos passear no parque. Deixa o menino brincar. Fim de semana no parque. Vou rezar pra esse domingo não chover" O trecho surge três vezes na música, sendo a primeira aparição após uma introdução longa. A segunda e terceira vez em que é apresentado

vem em momentos mais curtos. Na divisão da segunda parte, a poesia fala sobre um clube com "cinema, piscina, quadra, jovens com boa condição financeira citados como "boy", "corrida de kart". Um clube como aqueles que mostram na televisão. O poeta diz que um pretinho observa tudo do lado de fora, Olha o pretinho vendo tudo do lado de fora "...Nem se lembra do dinheiro que tem que levar. Do seu pai bem louco gritando dentro do bar. Nem se lembra de ontem, de hoje e o futuro...". A poesia enfatiza os problemas do jovem pobre que não entra no clube, mas vê do lado de fora. Esse jovem com poucas perspectivas, é cheio de adversidades em sua família, como um pai viciado em álcool. A música apresenta questões positivas na comunidade como o calor humano, a alegria, a euforia , também mostra a dignidade que há na periferia. Na sequência é tratada a violência policial, e a ausência do poder público "... Aqui não vejo nenhum clube poliesportivo. Pra molecada frequentar nenhum incentivo. O investimento no lazer é muito escasso. O centro comunitário é um fracasso..." Os poetas denunciam como é costumeiro os problemas por falta de políticas públicas, contudo ainda na poesia os poetas fazem um contraponto, embora não há lazer e esporte na periferia, existem drogas e bebidas. O poeta faz uma homenagem ao amigo chamado de "Rogério" que morreu, a canção fala o dia e mês em que o amigo faleceu. Os rappers finalizam relembrando os problemas com drogas, bebidas e violência, interpretados nesta dissertação como injustiças sofridas por pobres e pretos nas comunidades humildes, assim como King Jr. fez na citação abaixo.

[...] Mas nós nos recusamos a acreditar que o banco da Justiça esteja falido. Nós nos recusamos a acreditar que não haja fundos suficientes nos grandes cofres de oportunidade desta nação. Por isso voltamos aqui para cobrar este cheque – um cheque que nos garantirá, a pedido, as riquezas da liberdade e a segurança da Justiça... (JR, Martin Luther King. 1963)

Para King Jr. existe justiça e deve ser praticada em favor dos necessitados, pobres, e pretos. O autor afirma que há riquezas na segurança, na liberdade e na justiça e que tais questões valorosas devem ser cobradas a fim de serem praticadas.

Capítulo 3 - ATIVISMO POLÍTICO E SOCIAL

1997: Consolidando a arte periférica e do rap

Em 1997, o grupo de Rap Racionais MC's se consolidou e a difusão da arte dos poetas periféricos marcava sucesso na gigante cidade de São Paulo, nas comunidades pobres de todo estado paulista, e no Brasil todo. Embora com uma arte muito diferente das músicas clássicas eruditas, como já retratado anteriormente, as poesias com batidas e mixagens de rap dos Racionais eram facilmente cantadas e recitadas nas periferias de todo país, e apresentavam a realidade do dia a dia dos bairros simples, confrontando a desinformação que muitas vezes as grandes mídias apresentam, bem como a música estrangeira nesses tempos de globalização..

No quadro da metrópole transacional que é São Paulo, cuja grande força deriva do poder de controle sobre fluxos econômicos e sobre o território, as atividades hegemônicas que sedia são capazes de concatenar, organizar, manipular por meio da informação todas as etapas do processo produtivo, superando a fase da metrópole (VERAS, 2001, p 10).

Acompanhados da dupla Thaíde e Dj Hum, os Racionais foram historicamente creditados como pioneiros, ambos com fundação nos anos 80. Já em 1997, com a consolidação da arte periférica, outros grupos e MCs faziam sucesso no Brasil. Nesse período, os grupos Consciência Humana, RZO, o cantor Ndee Naldinho, entre outros, marcavam a cena do rap nas periferias paulistanas. No Distrito Federal, nas periferias das cidades satélites, surge o grupo GOG. Esses eram os mais conhecidos no final dos anos 1990.

No Rio de Janeiro, a arte periférica denominada de rap ganha outro ritmo, mais dançante, com muita influência da música norte-americana miami bass. O rap carioca é o que hoje chamamos de funk. Observe que os cantores de funk chamam-se MC, pois quando surgiram os primeiros funks no Rio de Janeiro, o carioca que escrevia e cantava considerava a música um rap. Vale lembrar que a famosa música de funk "eu só quero

é ser feliz" se chama "Rap da Felicidade" e foi escrita e interpretada pelos MCs Cidinho e Doca. Portanto, o funk carioca que conhecemos, era inicialmente o rap carioca. Vê-se a influência da arte periférica e a consolidação da mesma enquanto rap.

As periferias não consumiam o que é denominada música clássica, ou música erudita. O consumo de arte audível, de música, no final dos anos 90, tem muita influência das rádios e da televisão. Nos anos 90, o samba e o pagode (que também é samba), adentraram a televisão e muitas rádios, com ritmos alegres e dançantes como o axé music, que, por alguns, é considerado um tipo de samba. Esses ritmos estavam nos principais canais de televisão. Já o rap tinha pouco acesso à televisão, e muitas vezes fechava-se para esse meio de comunicação. Porém, era a arte audível mais consumida por jovens pobres em comunidades simples.

Nesse contexto, tanto o Racionais MCs, quanto o rap se consolidam em todo território nacional. Naquela época, boa parte do funk carioca também era produzido como som de protesto e ativismo, visando transformações radicais.. As músicas "Fim de semana no Parque " e "Homem na Estrada", dos Racionais, marcaram o início dos anos 90. Músicas longas, com mais de 6 minutos. Eram letras difíceis de memorizar devido à riqueza no conteúdo poético, mas que se tornaram hinos nas periferias. Sons revolucionários, são arte através da poesia em ritmo de rap e hip hop.

A luta por dignidade no sistema carcerário

O sistema carcerário no Brasil sempre teve péssima qualidade, apesar da obrigatoriedade constitucional para que ocorra dignidade nas cadeias, a Constituição Federal sempre foi deixada de lado, sobretudo nos anos 80 e 90. O momento em que o sistema prisional passa a atuar com dignidade é através das cadeias federais nos governos populares, onde a governança dá atenção a Carta Constitucional.. Aliás nas décadas de 80 e 90 a lei universal dos Direitos Humanos estava totalmente deixada de lado pelo poder público.

Criada em 1948 na Organização das Nações Unidas, a Lei Universal dos Direitos Humanos tem como objetivo evitar injustiças na humanidade. A elaboração foi feita por representantes de vários países no contexto das guerras mundiais. Entretanto, o ser humano, sobretudo quando está com algum tipo de poder ou portando arma, seja em grupo ou em maneira individual, merece ser estudado pela sua impressionante cruza. O sistema carcerário no Brasil copia o sistema prisional de países avançados na teoria, a ideia é recuperar a pessoa do seu delito ou crime. Visto que até na Bíblia sagrada São Paulo fala sobre arrependimento ensinando quem comete algo ilícito a abandonar o ilícito e mudar sua índole, vejamos: " Aquele que roubava não roube mais; pelo contrário, trabalhe, fazendo com as próprias mãos o que é bom, para que tenha o que repartir com o necessitado." Carta aos Efeitos, 4:28. Portanto a Bíblia mostra a possibilidade de quem comete crime mudar e praticar coisas boas.

Não somente a bíblia garante a possibilidade de transformação de atitude do ser humano, mas a Constituição do Brasil também, é de maneira com simples interpretação, garante a integridade física observe: XLIX - é assegurado aos presos o respeito à integridade física e moral; Artigo 5. Na década de 90 a violência no sistema carcerário é recorrente, e certo setores da elite brasileira apoiavam esse desrespeito à Constituição.

Dada a inserção dos direitos humanos na nossa Constituição e sua importância na garantia de uma vida digna, que garanta condições básicas de existência como nutrição e saúde, que promova o desenvolvimento e a autonomia dos indivíduos independente de sua condição social, é preciso repensar sua inserção real na sociedade. Para tanto, a interpretação da realidade que seja construída a partir dela e não em negação da mesma é necessária. É preciso desvelar as estruturas teóricas e práticas que sustentam a inviabilização da promoção dos direitos humanos. CANTO, e MILEK, 2018, p 76.

Em meio a tanta violência, não somente nas periferias brasileiras, mas também nas cadeias, os rappers dos Racionais MCs lançam o álbum " Sobrevivendo no Inferno ", mantendo a característica como ativistas de políticas públicas e sociais o grupo permanece denunciando e cobrando o estado, alertando suas irmãs e irmãos pobres e

pretos do genocídio e da violência exercida pelo governo com apoio de grande parte da elite.

O Álbum 4

No mês de dezembro de 1997 o Brasil teve o privilégio de apreciar o lançamento do quarto álbum do grupo de Rap Racionais MC's, o título do álbum é " Sobrevivendo no Inferno ". Nesse primeiro momento será apresentado breve resumo do que trata letra por de um dos principais álbuns de música que artistas brasileiros produziram, o álbum tem doze músicas. Vejamos.

A primeira poesia é intitulada de " Jorge da Capadócia ". Com 2:47 a música fala sobre um santo protetor, demonstrando a religiosidade do grupo, o som é um remix de uma canção de Jorge Ben Jor com o mesmo título e certas alterações na letra, não é exatamente a mesma letra, na poesia os artistas fazem um pedido a Jorge da Capadócia, um pedido de proteção contra os inimigos: não me toquem.

[...] Para que meus inimigos, Tenham pés e não me alcancem, Para que meus inimigos, Tenham olhos e não me vejam, E nem mesmo pensamento, Eles possam ter, Para me fazerem mal [...]

" Gênesis " é a segunda, com 0:21 segundos, a música é uma breve introdução narrada, vejamos na íntegra o que diz a poesia: "Deus fez o mar, as árvore, as criança, o amor. O homem me deu a favela, o crack, a trairagem, as arma, as bebida, as puta. Eu? Eu tenho uma bíblia véia, uma pistola automática e um sentimento de revolta. Eu tô tentando sobreviver no inferno".

A terceira música é: Capítulo 4, versículo 3. O título da música lembra a citação de uma passagem bíblica, mostrando o sofrimento do povo pobre e sobretudo preto. É uma canção super rica em crítica a sociedade atual com 8:06 de duração, uma das maiores composições de Rap do mundo. O início da música traz dados denunciando

descaso do governo, na década de 90 era um período onde nunca a esquerda havia governado o Brasil, e era terrivelmente pior o genocídio, assassinato, e abandono do povo pobre e preto. Observe.

60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais. Já sofreram violência policial. A cada 4 pessoas mortas pela polícia, 3 são negras. Nas universidades brasileiras, apenas 2% dos alunos são negros. A cada 4 horas, um jovem negro morre violentamente em São Paulo. Aqui quem fala é Primo Preto, mais um sobrevivente"

Em Capítulo 4, versículo 3 ainda é observado o cotidiano difícil em que a juventude periférica vive, retratando coisas do dia a dia já apresentadas na citação acima. A música é um enorme sucesso do grupo, e durante cerca de 4 a 5 anos foi uma das mais tocadas em todo o Brasil.

Cotidiano citado por Darcy Ribeiro, referente a problemas convergentes da luta de classe, do conceito da eleite sobre os mais simples. Desde o início da colonização até os dias atuais há domínio dos ricos. Observe

[...] no Brasil as classes ricas e pobres se separam umas das outras por distâncias sociais e culturais quase tão grandes quanto as que medeiam povos distintos. Ao vigor físico, a longevidade, a beleza dos poucos situados no ápice - como expressão usufruto da riqueza social (RIBEIRO, Darcy. 1995, p 210).

"Tô ouvindo alguém me chamar" é a quarta música, marcante aos fãs por um certo apelido Guina, pois o refrão era " O Guina não tinha do, se reagir bum, vira pó..." A poesia segue como nas outras letras mostrando a falta de oportunidade para o povo da favela, contudo nesta letra a narrativa apresenta a história de um jovem que cometia atos ilícitos em grupo ou trio, e acaba sendo assassinado a mando de seu parceiro de crime, a música tem 11:12, narra crimes, narra o sofrimento de que nasceu pobre na favela e a humilhação que é vivenciada para crianças carentes. Observe.

Falava quando era criança. Uma mistura de ódio, frustração e dor. De como era humilhante ir pra escola. Usando a roupa dada de esmola. De ter um pai inútil, digno de dó. Mais um bêbado, filho da puta e só. Sempre a mesma merda, todo dia igual. Sem feliz aniversário, Páscoa ou Nata [...]

A citação acima é escrita mostrando o contexto de vida em que um dos criminosos cresceu. Embora seja uma obra de ficção, narra diversas verdades de crianças carentes em favelas na metrópole paulistana e em outras comunidades do Brasil. Na década de 90 era raro pobres na universidade, assim como era raro a ascensão social.

A quinta música do álbum é "Rapaz Comum", com 6:20 de duração, a letra com uma batida diferente da "Tô ouvindo alguém me chamar", e uma outra narrativa, apresenta o mesmo contexto. Um jovem assassinado na periferia da metrópole. Assim como a quarta música porém com ritmo, letra e conteúdo diferente, a quinta música também apresenta um jovem assassinado, sendo esse jovem um rapaz comum. A canção relaciona o assassinato a problemas sociais. Era uma época em que os homicídios eram muito maiores nas favelas paulistas. Veja um trecho da poesia.

Uma bala vale por uma vida do meu povo. No pente tem quinze, sempre há menos no morro, e então? Quantos manos iguais a mim se foram? Preto, preto, pobre, cuidado, socorro!...

Na apresentação da história narrada, a composição denuncia o assassinato de pobres e pretos, com o pedido de socorro. Felizmente houve certa redução no número de mortos nas periferias e favelas, contudo ainda é comum o assassinato, e periodicamente ocorrem chacinas. Visto que essa maldade denominada chacina ainda existe, comumente a academia debate o fato, observe a promoção do debate no segundo semestre de 2022 na UNICAMP.

[...] Para a antropóloga Juliana Farias, uma das palestrantes do evento, as chacinas refletem a criminalização da população negra e pobre do país. "Existe no Brasil uma lógica bílica de cálculo e de construção da figura de um inimigo que vem desde o período colonial e se atualiza no dia de hoje. As populações indígenas e negras sofrem de uma maneira que a população branca brasileira desconhece. Isso é muito marcado em posições que são institucionais e de Estado, explica."¹⁰

Depois de "Rapaz Comum", a sexta música é instrumental e não tem letra, com 2:34 de duração o título dela é "...", já a sétima música é " Diário de um detento", música que será apreciada por último conforme a ordem do álbum. Sendo realizada uma análise de maior amplitude.

"Periferia é periferia " é a oitava canção do álbum com 5:59 de duração. A música retrata o dia a dia das periferias, em tom crítico apontando o abandono e as desigualdades "...Muita pobreza, estoura violência. Nossa raça está morrendo..." ou "...Todo mundo sente medo de sair de madrugada e tal..." São alguns dos trechos na música. Ainda destaco nesta mesma letra o incentivo do grupo para que jovens parem de usar crack "...Deixe o crack de lado, escute o meu recado..." nessa música há certo encorajamento a fim de que o público dos rappers parem de usar crack.

A nona música é " Qual mentira vou acreditar " com 7:41 de duração, nessa letra é apresentado acontecimentos de uma noite paulistana para um jovem preto e pobre da favela. Fala sobre o encontro com mulher, sobre racismo e nazismo e sobre a perseguição que jovens preto sofrem da polícia observe: "...Quem é preto como eu já tá ligado qual é. Nota Fiscal, RG, polícia no pé..."

"Mágico de Oz" é a décima música com 7:07 de duração, nesta poesia é apresentado uma criança que aborda um carro que integrantes do grupo para vender bala no farol. Um dos membros do grupo começa a conversar com a criança que está

¹⁰

<https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2022/09/27/persistencia-de-chacinas-no-brasil-esta-ligada-criminalizacao-de-pobres-e> ACESSO 20/02/23.

trabalhando, a criança conta que não tem pai e que seu sonho é ser jogador de futebol. A partir desse diálogo prévio antes de começar a batida a letra apresenta a situação vulnerável do menor, passando ao decorrer da letra a mostrar como não há oportunidades para essa criança pobre e sem pai, e que na favela ele vê oportunidades ilícitas e tem criminosos como exemplo e modelo. Em tom de oração o refrão é uma petição a Deus, vejamos: " Queria que Deus ouvisse a minha voz (que Deus ouvisse a minha voz). Num Mundo Mágico de Oz (um Mundo Mágico de Oz)"

No final da canção, a letra faz um questionamento referente a Deus "... Às vezes eu fico pensando. Se Deus existe mesmo, morô? Porque meu povo já sofreu demais. E continua sofrendo até hoje..." tal questionamento é devido ao sofrimento do povo periférico.

A décima primeira música com 10:40 de duração é " Fórmula Mágica da Paz", a música trata as questões rotineiras na vida de um morador vivendo em comunidades simples, trazendo a ideia de que cada um deve buscar a sua paz. Procurando encontrar um vida tranquila sem violência e sem crime, veja esse treixo referente as injustiças recorrentes na metrópole " Cada lugar uma lei, eu tô ligado. No extremo sul da zona sul tá tudo errado. Aqui vale muito pouco a sua vida. Nossa lei é falha, violenta e suicida..."

"Salve " é a décima segunda música do álbum com 2:16, sendo a última. Essa canção é citado diversas comunidades pobres e favelas de São Paulo, do Estado e de todo o país. É uma forma de agradecer ao público e aos fãs.

Conforme descrito acima, " Diário de um detento" é a última música a ser analisada do álbum "Sobrevivendo no Inferno". O título do álbum faz um link de como é infernal viver no sistema carcerário, principalmente como era na década de 90, aliás infernal não era somente viver preso, mas também viver em bairros pobres na metrópole paulistana, sobretudo para pretos e pobres como um todo.

São Paulo, dia 1º de outubro de 1992, 8h da manhã.

Aqui estou, mais um dia. Sob o olhar sanguinário do vigia. Você não sabe como é caminhar com a cabeça na mira de uma Hk. Metralhadora alemã ou de Israel.

Estraçalha ladrão que nem papel. Na muralha, em pé, mais um cidadão José. Servindo o Estado, um bom. Passa fome, metido a Charles Bronson. Ele sabe o que eu desejo. Sabe o que eu penso. O dia tá chuvoso. O clima tá tenso. Vários tentaram fugir, eu também quero. Mas de um a cem, a minha chance é zero.

Será que Deus ouviu minha oração? Será que o juiz aceitou apelação? Mando um recado lá pro meu irmão: Se tiver usando droga, tá ruim na minha mão. Ele ainda tá com aquela mina. Pode crer, moleque é gente fina. Tirei um dia a menos ou um dia a mais, sei lá... Tanto faz, os dias são iguais.

Acendo um cigarro, vejo o dia passar. Mato o tempo pra ele não me matar. Homem é homem, mulher é mulher. Estuprador é diferente, né? Toma soco toda hora, ajoelha e beija os pés, e sangra até morrer na rua 10.

Cada detento uma mãe, uma crença. Cada crime uma sentença. Cada sentença um motivo, uma história de lágrima, sangue, vidas e glórias, abandono, miséria, ódio, sofrimento, desprezo, desilusão, ação do tempo. Misture bem essa química. Pronto: eis um novo detento. Lamentos no corredor, na cela, no pátio. Ao redor do campo, em todos os cantos. Mas eu conheço o sistema, meu irmão, hã... Aqui não tem santo.

Rátatátá... preciso evitar que um safado faça minha mãe chorar. Minha palavra de honra me protege pra viver no país das calças bege. Tic, tac, ainda é 9h40. O relógio da cadeia anda em câmera lenta.

Ratatatá, mais um metrô vai passar. Com gente de bem, apressada, católica. Lendo jornal, satisfeita, hipócrita. Com raiva por dentro, a caminho do Centro. Olhando pra cá, curiosos, é lógico. Não, não é não, não é o zoológico

Minha vida não tem tanto valor quanto seu celular, seu computador. Hoje, tá difícil, não saiu o sol. Hoje não tem visita, não tem futebol. Alguns companheiros têm a mente mais fraca. Não suportam o tédio, arruma quiaca.

Graças a Deus e à Virgem Maria. Faltam só um ano, três meses e uns dias. Tem uma cela lá em cima fechada. Desde terça-feira ninguém abre pra nada. Só o cheiro de morte e Pinho Sol. Um preso se enforcou com o lençol. Qual que foi? Quem sabe? Não conta. Ia tirar mais uns seis de ponta a ponta (...)

Nada deixa um homem mais doente que o abandono dos parentes. Aí moleque, me diz: então, cê qué o quê? A vaga tá lá esperando você. Pega todos seus artigos importados. Seu currículo no crime e limpa o rabo. A vida bandida é sem futuro. Sua cara fica branca desse lado do muro. Já ouviu falar de Lucífer? Que veio do Inferno com moral. Um dia... no Carandiru, não... ele é só mais um. Comendo rango azedo com pneumonia...

Aqui tem mano de Osasco, do Jardim D'Abrial, Parelheiros, Mogi, Jardim Brasil, Bela Vista, Jardim Angela, Heliópolis, Itapevi e Paraisópolis. Ladrão sangue bom tem moral na quebrada. Mas pro Estado é só um número, mais nada. Nove pavilhões, sete mil homens. Que custam trezentos reais por mês, cada.

Na última visita, o neguinho veio aí. Trouxe umas frutas, Marlboro, Free... Ligou que um pilantra lá da área voltou. Com Kadett vermelho, placa de Salvador. Pagando de gatão, ele xinga, ele abusa com uma nove milímetros embaixo da blusa. Brown: "Aí neguinho, vem cá, e os manos onde é que tá? Lembra desse cururu que tentou me matar?"

Blue: "Aquele puta ganso, pilantra corno manso. Ficava muito doido e deixava a mina só. A mina era virgem e ainda era menor. Agora faz chupeta em troca de pó!"

Brown: "Esses papos me incomoda. Se eu tô na rua é foda..."

Blue: "É, o mundo roda, ele pode vir pra cá."

Brown: "Não, já, já, meu processo tá aí. Eu quero mudar, eu quero sair. Se eu trombo esse fulano, não tem pá, não tem pum. E eu vou ter que assinar um cento e vinte e um."

Amanheceu com sol, dois de outubro. Tudo funcionando, limpeza, jumbo. De madrugada eu senti um calafrio. Não era do vento, não era do frio. Acertos de conta tem quase todo dia. Ia ter outra logo mais, eu sabia. Lealdade é o que todo preso tenta. Conseguir a paz, de forma violenta. Se um salafrário sacanear alguém, leva ponto na cara igual Frankenstein

Fumaça na janela, tem fogo na cela. Fudeu, foi além, se pô!, tem refém. Na maioria, se deixou envolver por uns cinco ou seis que não têm nada a perder. Dois ladrões considerados passaram a discutir. Mas não imaginavam o que estaria por vir.

Traficantes, homicidas, estelionatários. Uma maioria de moleque primário. Era a brecha que o sistema queria. Avise o Iml, chegou o grande dia. Depende do sim ou não de um só homem. Que prefere ser neutro pelo telefone.

Ratatatá, caviar e champanhe. Fleury foi almoçar, que se foda a minha mãe! Cachorros assassinos, gás lacrimogêneo... quem mata mais ladrão ganha medalha de prêmio! O ser humano é descartável no Brasil. Como modess usado ou bombril. Cadeia? Guarda o que o sistema não quis. Esconde o que a novela não diz.

Ratatatá! sangue jorra como água. Do ouvido, da boca e nariz. O Senhor é meu pastor... perdoe o que seu filho fez. Morreu de bruços no salmo 23, sem padre, sem repórter, sem arma, sem socorro. Vai pegar HIV na boca do cachorro.

Cadáveres no poço, no pátio interno. Adolf Hitler sorri no inferno! O Robocop do governo é frio, não sente pena. Só ódio e ri como a hiena.

Rátatátá, Fleury e sua gangue vão nadar numa piscina de sangue. Mas quem vai acreditar no meu depoimento? Dia 3 de outubro, diário de um detento.

Composição: Mano Brown e Josimar Prado

O massacre do Carandiru foi um genocídio cruel e sanguinário, buscando eliminar um grupo específico de pessoas, com culturas semelhantes, e a letra relata fatos reais de como funcionava o sistema prisional no Carandiru, como foi o dia do Genocídio. O ano era 1992 e, sob ordem do governo estadual da época, a polícia militar do estado de São Paulo invadiu a prisão assassinando cerca de 111 pessoas que buscavam a ressocialização perante a sociedade.

Não se pensou na dor das mães que perderam seus filhos, não se pensou no sofrimento de crianças órfãs, muito menos em avós desejosas em ver netos reintegrados novamente na sociedade. A única coisa que foi pensada foi em aniquilar um grupo específico pertencente à cultura periférica. E pensaram também em agradar uma parte da elite do estado de São Paulo que odeia pobre.

Ainda na atualidade o genocídio do Carandiru é debatido, não apenas para tentar evitar que ocorra outra tragédia do mesmo modo, mas devido a dor permanente e sentimento por falta de punição para aqueles que praticaram o crime.

[...] As dificuldades na busca por justiça são ilustradas também pelo caso do Carandiru, cujos desdobramentos legais persistem ainda hoje. Além da anulação da condenação dos policiais pelo Tribunal de Justiça de São Paulo, posteriormente restabelecida pelo ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Luiz Barroso, a Comissão de Segurança Pública da Câmara dos Deputados aprovou no dia 2 de agosto um projeto que anistia os policiais militares condenados por sua atuação no massacre..."¹¹

Assim como em países de primeiro mundo como Noruega, Suíça, Dinamarca, Alemanha entre outros. O Brasil não tem pena de morte. A ideia é recuperar a pessoa que cometeu um ato ilícito, levando tal pessoa a ficar presa e cumprir por certo tempo em sistema prisional. Contudo o sistema prisional é péssimo no Brasil, poucos são os Estados que adotaram medidas de reabilitação como estudo para detentos, ou trabalho para redução penal, curso profissionalizante ou algo semelhante. Fato é que a pena de morte não reduz crimes com maior violência, esse fato é defendido pelo pesquisador Joe Domanick em entrevista à BBC Brasil, vejamos:

As pessoas que cometem os crimes mais violentos, que em geral são crimes de paixão ou acertos entre gangues, claramente não se preocupam com a pena

¹¹

<https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2022/09/27/persistencia-de-chacinas-no-brasil-esta-ligada-cri-minalizacao-de-pobres-e> Acesso 20/02/23

de morte ao cometê-los", diz à BBC Brasil Joe Domanick, diretor do Centro de Mídia, Crime e Justiça da Universidade da Cidade de Nova York.¹²

2002: Corra atrás dos seus sonhos, pois é possível.

O quinto album dos rappers foi lançado no final de Outubro em 2002, aproximadamente 5 anos depois do álbum anterior " Sobrevivendo no Inferno. "Nada como um dia após o outro" foi o quinto, lançado em 27/10/02. Com 21 faixas. O grupo mantém alto tom de crítica às desigualdades sociais e as injustiças dos mais pobres e dos pretos. Mano Brown, Ice Blue, KL Jay e Edi Rock permanecem com o discurso em suas músicas valorizando a educação, citando problemas quando a escolha das pessoas é as drogas e o crime, vejamos.

A primeira música é "Sou + Você " com 1:48, a música é uma ficção onde Mano Brown se passa por um radialista, apresentando um programa de rádio matutino, incentivando as pessoas a acordar e a seguir suas lutas: "...Vamos acordar, vamos acordar, Agora vem com a sua cara, sou mais você nessa guerra..."

"Vivão e vivendo" é a segunda faixa do álbum com 1:58, assim como a primeira faixa, a poesia segue em som introdutório incentivando os ouvintes a buscarem seus sonhos "...você sonhador que ainda acreditar, liga nós. Eu tenho fé, amor e a fé no séc 21...". As duas primeiras músicas seguem tom de introdução encorajando a sonhos e lutas, visto que a grande parte da periferia segue desacreditada, com poucas forças emocionais e psicológicas para correr atrás de seus sonhos. Se ainda em tempos atuais há esse desafio, imagine 2002 quando completava cerca de 4 mandatos da burguesia no poder, governando o Brasil.

A terceira faixa é " Vida Loca (intro)", com 0:24. Essa faixa é uma introdução para a música "Vida Loca parte 1", e apresenta uma história em que um homem armado vai atrás de Mano Brown para tirar satisfação referente a um caso de traição. O início da música "Vida Loca parte 1" é uma conversa entre Mano Brown e os outros

¹² https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/01/150115_penademorte_pai_jf ACESSO 21/02/23

membros do grupo, onde Brown afirma que não conhece a mulher que o acusou, e que está tranquilo porque não deve nada a ninguém e não cometeu nenhum adultério com mulher casada.

"Vida Loca parte 1" é a quarta faixa do álbum com 5:05. Embora a canção tenha em seu enredo uma situação onde Mano Brown é vítima de uma mentira (fake news) contada por uma mulher a seu marido na intenção de gerar ciúmes, é notório outras ideias, como a ideia que as coisas vão melhorar, observe: "...Onde estiver, seja lá como for. Tenha fé, porque até no lixão nasce flor..." em outra parte, a canção fala sobre alegrar crianças através da letra da música, do rap "...Meu rap faz o cântico, dos louco e dos romântico, vou. Por um sorriso de criança aonde eu for..."

Ou seja, mesmo narrando uma ficção na qual o autor passa por uma calúnia, a canção mostra um diálogo entre os rappers, outro diálogo com um amigo por telefone, sendo esse amigo alguém que está no sistema carcerário no momento da conversa pagando por seu delito, e apresenta a proposta do álbum de que é possível as coisas melhorarem. Não há nada como um dia após o outro.

Quinta música do álbum é "Negro Drama" com cerca de 6:54, essa é mais uma daquelas canções do grupo que virou hino nas periferias da metrópole paulistana e em todo território nacional, de modo que até os dias de hoje jovens, adolescentes e adultos conhecem a letra. Na letra apresenta a história de um preto pobre que se torna-se bem sucedido. O sucesso deste "Negro drama" é tanto que ele passa a adentrar a casa de gente com boa condição financeira através de sua música. A letra também trata de problemas sociais, observe: "Olha quem morre, então veja você quem mata. Recebe o mérito, a farda,.Que pratica o mal...", esse breve trecho fala sobre a morte de pretos e pobres nas favelas.

"A Vítima" é a sexta faixa, a música inicia com uma conversa entre dois amigos onde um amigo pergunta ao outro sobre um acidente, inicia-se um diálogo onde o cantor fala sobre um acidente de carro com uma vítima fatal. Em tom de drama, a música fala como foi o acidente e do desespero que aconteceu, apresentando a dor de mais uma mãe, "...Parece a mãe da vítima, como será que ela deve estar..."

A sétima música é "Na Fé Firmão" a canção tem cerca de 6:28, nessa letra o autor apresenta uma ideia positiva do seu cotidiano, fala sobre seus parceiros, sua quebrada, e rotinas positivas. Contudo a crítica social é vista no contexto da pobreza em que o pobre já nasce herdeiro, veja "...Nos deram uma pobreza, a favela, a bola, tráfico, tiro, morte, cadeia e um saco de cola..." no início do ano 2000 uma das formas de se entorpecer era cheira cola de sapato, daí a afirmação "um saco de cola".

"12 de Outubro" é a oitava faixa, com cerca de 3:31. A letra é uma narração onde o cantor narra um triste dia 12 de outubro para uma criança de 10 anos que não ganhou presente de dia das crianças de sua mãe. No início da narração o rapper fala de festas benéficas feita por instituições sem fins lucrativos e faz um link com o sofrimento da criança de 10 anos que não foi contemplada. A narração é feita com um dedilhar de violão ao fundo.

A nona música é "Eu Sou 157" com cerca de 8:50. A música relata a ilusão em ser do mundo do crime, com uma vida aparentemente boa, com mulheres e dinheiro, mas o final não é bom. Ao terminar a música, o cantor fala claramente que o crime não compensa e incentiva a estudar "...Não vai pra grupo não, a cena é triste. Vamo estudar, respeitar o pai e a mãe. E viver, viver, essa é a cena.." quanto é citado a cena é triste, a ideia é falar que o final não vai ser bom, ou seja, que o crime não compensa.

"A vida é Desafio" é a décima canção com cerca de 7:13. Apresentando a ideia de que é importante sonhar, e correr atrás dos seus sonhos, a canção incentiva a busca por sonhos, sem deixar a crítica ao poder público devido ao abandono das comunidades pobres. "...Mais uma queda em 15 milhões, na mais rica metrópole, suas várias contradições..." mesmo convidando seus ouvintes a sonhar e lutar por seus sonhos, a crítica referente a contradição entre pobreza e riqueza da metrópole é citada.

Décima primeira faixa é "1 Por Amor 2 Por Dinheiro" com cerca de 7:00. A música fala sobre a atualidade capitalista onde "você vale o que tem", citando nome de bairros, e explicando a necessidade do dinheiro, sobretudo correr atrás de dinheiro na capital paulistana, onde os rappers chamam de "selva".

Era muito comum até o final dos anos 90 e começo do ano 2000 a utilização de disco (chamado LP), fita e CD para ouvir música, os discos tem dois lados, muitas vezes chamado lado A e lado B, as fitas também tem dois lados seguindo o modelo do disco. Essa época estaca ganhando muita força aqui no Brasil o cd, no caso do cd não sererá dois lados, e sim lado único, quando havia muitas músicas era álbum duplo, com duas unidades. Esse foi o caso do álbum "Nada como um dia após o outro" e o segundo cd tem 10 faixas. Abaixo será analisado o segundo cd do álbum "Nada como um dia após o outro".

"De Volta a Cena" é a primeira música com cerca de 2:03. A música traz o anúncio do retorno do grupo, citando questões do dia a dia dos rappers. A música alerta sobre a violência, visando prevenir o público ouvinte dos males causados pela violência "...nego, a vida é loka, cruel e sangrenta, só muito pior, sem dó, marginal e violenta..." Assim como no primeiro álbum do grupo "Holocausto Urbano" há o desejo em evitar mortes e violência, no sexto álbum continua o ativismo pro vida do povo preto, pobre e periférico.

A segunda canção é "Otus 500" com cerca de 2:12. No ano 2000 ganhou notoriedade nas mídias televisivas, impressas e auditivas a celebração dos 500 anos do Brasil. Sendo essa celebração a continuidade de uma historicidade escrita por parte da elite apresentando colonizador como herói, o que não é verdade vendo documentos que comprovam o genocídio e abuso sofrido pelos povos originários. A canção faz alusão aos 500 anos mostrando que o Brasil está péssimo para a maioria da população que é pobre, observe "...Jesus está por vir mas o diabo já está aqui, 500 anos o brasil é uma vergonha, polícia fuma pedra moleque fuma maconha..."

"Crime Vai e Vem" é a terceira música com 7:58, a música traz a história de um homem que está foragido da justiça e mudou do bairro onde vivia. Na letra fica claro a crítica social à falta de oportunidade em todos os aspectos para quem mora em periferias, veja "...Foi dado um golpe de estado cavernoso. A máquina do desemprego é uma fábrica criminosa..." A falta de emprego é uma oportunidade é citada na música.

A quarta canção é "Jesus Chorou" com cerca de 7:52. A canção apresenta traz em seu enredo a ideia de que o mundo atual, a sociedade presente está caminhando a ruínas, e que o autor da canção que se julgava forte, se encontra enfraquecido ao ver que seu povo (pobre e preto) segue passando angústia e sofrimento. No decorrer da música acontece um diálogo entre aquele que se encontra enfraquecido e outro personagem que o incentiva a continuar sua luta através de suas atividades. Na sequência da canção em outro diálogo o autor ouve que alguém está tramando o seu mal, procurando fazer algo contra sua vida, portanto o enredo de tristeza com a sociedade atual permanece na canção. Em dado momento a canção fala sobre pessoas que lutavam por um mundo melhor e morreram pela causa, observe "...Gente que acredito, gosto e admiro, brigava por justiça e paz, levou tiro, Malcolm X, Ghandi, Lennon, Marvin Gaye, Che Guevara, 2pac, Bob Marley. E o evangélico Martin Luther King..." Ou seja, a ideia principal é mantenha seu foco e siga sua vida mesmo com as dificuldades dos dias atuais, pois até "Jesus Chorou".

"Fone (Intro)" é a quinta faixa, com cerca de 1:57. Essa faixa é introdutória para a próxima música. Essa faixa é um diálogo entre dois amigos que é interrompido por uma ligação de uma ficante para um dos rappers, sendo essa ligação no tom de um encontro entre uma mulher e um homem, ambos solteiros com atração um pelo outro.

A sexta música é "Estilo Cachorro" com cerca de 6:31. Essa música mostra um homem solteiro que sai com várias mulheres ao mesmo tempo, apresentando diálogo entre dois amigos, e breves diálogos com as mulheres que o homem saiu. Tanto "Fone (Intro)" como "Estilo Cachorro" amenizam o forte discurso que o álbum duplo tem. É como se fosse um momento de descontração mostrando a realidade de um homem solteiro que gosta de curtir a vida.

"Vida Loca (PARTE II)" é a sétima canção, com cerca de 5:51. O Vídeo clique da canção no canal oficial do grupo tem mais ou menos 8:31 e lembra um curta metragem. Recentemente em Brasília, o dia 01/01/23 e o evento era a posse do presidente Lula, uma linda festa com milhares de pessoas e dois palcos que aguardavam para iniciar o Show do Futuro (nome intitulado do evento da posse), antes do presidente Lula subir a rampa, no intervalo entre os discursos na rampa e Câmara, a música "Vida Loca (Parte

II)" tocou no som do palco, levando a militância presente neste ato histórico a emoção, comoção e encorajamento, relatou algumas pessoas que se fizeram presentes no dia. Lançada em 2002 junto com o álbum, até hoje a canção fala a corações sofridos, sobretudo a pobres, faveladas e favelados. Essa música será analisada por inteira após a décima faixa.

A oitava música é "Expresso da Meia Noite " com cerca de 5:23. O enredo da música narra o autor dando uma volta noturna de carro, narra questões do cotidiano, seguindo os discursos de crítica a ausência do Estado e do poder público, o que gera violência e dor. Observe "...uma mancha de sangue que não apaga nunca mais, famílias destroçadas pela maldade..."

"Trutas e Quebradas" é a nona canção com cerca de 6:19. Nessa canção os rappers saúdam favelas, morros, comunidades pobres tanto da metrópole paulistana, quanto de todo estado de São Paulo e do Brasil. É citado também o nome de diversos amigos dos rappers. Esse cumprimento aos aliados já é notado em álbuns anteriores, assim como a religiosidade do grupo e a fé em Deus.

"Da Ponte Pra Cá" é a décima música com cerca de 8:49. A música com batida elevada, apresenta não entoa uma letra dramática ou melancólica, mas sim a ideia de diversão na periferia, e o desejo de ter uma vida bem sucedida. "...E quem não quer chegar de Honda, preto em banco de couro..." contudo há crítica social descrevendo que existem diferenças "da ponte pra cá" ou seja, um lado da ponte tem a elite, e outro lado da ponte tem os pobres sonhando com uma vida melhor.

Embora o álbum duplo apresenta um conteúdo otimista referente ao futuro da periferia, incentivando a comunidade a sonhar e correr atrás dos sonhos. Denúncias de abandono por parte do poder público são notórios em quase todas as músicas, o som revolucionária dos Racionais MCs continua cobrando melhorias nas favelas, em questões como violência, homicídio e assassinato, educação, racismo e até de infraestrutura, fato é que assim como nos álbuns anteriores, a falta de políticas públicas para pobres, pretos e jovens são notórias, tais fatos vão ao encontro de que Florestan

Fernandes¹³ dizia, sobretudo referente ao sofrimento de pretos, sendo tal sofrimento histórico e duradouro, vejamos.

[...] Em suma, a sociedade brasileira largou o negro a seu próprio destino, deitando sobre seus ombros a responsabilidade de se reeducar e de se transformar para corresponder aos novos padrões e ideias de ser humano, criada pelo advento do trabalho livre, do regime republicano e do capitalismo (FERNANDES, 2008, p. 35 e 36).

Portanto a sociedade abandonou pobres, pretas e pretos. E às vezes com pequenas caridades tenta dizer que não abandonou, contudo é fato consolidado a falta de políticas públicas, o descaso com a educação e saúde.

Abaixo será analisada a letra da música " Vida Loca (Parte II), composição de Mano Brown, observe abaixo:

Firmeza total, mais um ano se passando. Graças a Deus a gente 'tá com saúde aí, 'morô? Muita coletividade na quebrada, dinheiro no bolso, sem miséria, e é nós. Vamos brindar o dia de hoje, que o amanhã só pertence a Deus, a vida é loka

'Xô falá pro'cê

Tudo, tudo, tudo vai, tudo é fase irmão, logo mais vamo arrebentar no mundão. De cordão de elite, 18 quilates. Poê no pulso, logo um Breitling. Que tal? 'Tá bom? De lupa Bausch & Lomb, bombeta branco e vinho. Champagne para o ar, que é pra abrir nossos caminhos

Pobre é o diabo, eu odeio a ostentação. Pode rir, ri, mais não desacredita não. É só questão de tempo, o fim do sofrimento. Um brinde pros guerreiro, zé povinho eu lamento. Vermes que só faz peso na Terra. Tira o zóio. Tira o zóio, vê se me erra

¹³ Florestan Fernandes (São Paulo 1920-1995) Graduado em Sociologia pela USP, obteve os títulos de Mestre e Doutor na mesma Universidade. Teve uma vida longa como docente iniciando sua trajetória como professor em escola pública, ensinou em universidades brasileiras como USP e PUC-SP, lecionou também em faculdades estrangeiras no Canadá e nos Estados Unidos. Atuou como pesquisador, escreveu diversos livros. Foi ativista e preso na ditadura militar brasileira. Anos mais tarde entrou na política sendo eleito duas vezes deputado federal.

Eu durmo pronto pra guerra. E eu não era assim, eu tenho ódio. E sei o que é mau pra mim. Fazer o que se é assim. Vida loka cabulosa. O cheiro é de pólvora. E eu prefiro rosas.

E eu que, e eu que. Sempre quis com um lugar, Gramado e limpo, assim, verde como o mar. Cercas brancas, uma seringueira com balança. Disbicando pipa, cercado de criança

How, how Brown. Acorda sangue bom, Aqui é Capão Redondo, tru. Não é pokémón. Zona sul é o invés, é stress concentrado. Um coração ferido, por metro quadrado

Quanto mais tempo eu vou resistir. Pior que eu já vi meu lado bom na U.T.I. Meu anjo do perdão foi bom. Mas 'tá fraco. Culpa dos imundo, do espírito opaco

Eu queria ter, pra testar e ver. Um malote, com glória, fama. Embrulhado em pacote. Se é isso que 'cês quer. Vem pegar. Jogar num rio de merda e ver vários pular

Dinheiro é foda. Na mão de favelado, é mó' guela. Na crise, vários pedra-noventa esfarela. Eu vou jogar pra ganhar. O meu money, vai e vem. Porém, quem tem, tem. Não cresço o zóio em ninguém

O que tiver que ser. Será meu. 'Tá escrito nas estrelas. Vai reclamar com Deus. Imagina nósis de Audi, Ou de Citroen, Indo aqui, indo ali, Só pam, De vai e vem. No Capão, no Apurá, vô colar. Na pedreira do São Bento. Na fundão, no pião. Sexta-feira. De teto solar. O luar representa. Ouvindo Cassiano, há. Os gambé não guenta

Mas se não der, négo, O que é que tem, O importante é nós aqui, Junto ano que vem. O caminho, Da felicidade ainda existe, É uma trilha estreita, Em meio à selva triste

Quanto 'cê paga, Pra ver sua mãe agora, E nunca mais ver seu pivete ir embora, Dá a casa, dá o carro, Uma Glock, e uma FAL, Sobe cego de joelho, Mil e cem degraus, Crente é mil graus, O que que o guerreiro diz, O promotor é só um homem, Deus é o juiz

Enquanto Zé Povinho, Apedrejava a cruz, E o canalha, fardado, Cuspiu em Jesus, Oh, aos 45 do segundo arrependido, Salvo e perdoado, É Dimas o bandido, É loko o bagulho, Arrepia na hora, Oh, Dimas, primeiro vida loka da história

Eu digo: "Glória, glória", Sei que Deus 'tá aqui, E só quem é, Só quem é vai sentir, E meus guerreiro de fé, Quero ouvir, quero ouvir, E meus guerreiro de fé, Quero ouvir, irmão

Programado pra morrer nós é, Certo é certo é crer no que der, firmeza?, Não é questão de luxo, Não é questão de cor, É questão que fartura, Alegra o sofredor, Não é questão de preza, négo, A ideia é essa, Miséria traz tristeza e vice-versa

Inconscientemente vem na minha mente inteira, Na loja de tênis o olhar do parceiro feliz, De poder comprar o azul, o vermelho, O balcão, o espelho, O estoque, a modelo, não importa, Dinheiro é puta e abre as portas, Dos castelos de areia que quiser, Preto e dinheiro, são palavras rivais, E então mostra pra esses cu, Como é que faz

O seu enterro foi dramático, Como um blues antigo, Mas de estilo, me perdoe, de bandido, Tempo pra pensar, quer parar, Que 'cê quer?, Viver pouco como um rei ou muito, como um Zé?, Às vezes eu acho que todo preto como eu, Só quer um terreno no mato, só seu, Sem luxo, descalço, nadar num riacho, Sem fome, pegando as frutas no cacho, Aí truta, é o que eu acho, Quero também, mas em São Paulo, Deus é uma nota de cem

Vida Loka!

Porque o guerreiro de fé nunca gela, Não agrada o injusto, e não amarela, O Rei dos reis, foi traído, e sangrou nessa terra, Mas morrer como um homem é o prêmio da guerra, Mas ó, conforme for, se precisa, afoga no próprio sangue, assim será, Nossa espírito é imortal, sangue do meu sangue, Entre o corte da espada e o perfume da rosa, Sem menção honrosa, sem massagem." A vida é loka, négo, E nela eu tô de passagem

A Dimas, o primeiro, Saúde guerreiro!, Dimas, Dimas, Dimas

A música foi conhecida no Brasil no final de 2002 com o lançamento do álbum, era um Brasil muito pior que Brasil atual, nunca um governo de esquerda havia governado o país, embora algumas cidades haviam experimentado um breve período de mudança e participação popular com vitórias de prefeitas e prefeitos progressistas como São Paulo, Santos, Santo André e outras cidades no Estado e no país. Tais municípios com governos voltados para a maioria da população receberam grande atenção e investimentos na educação, saúde e moradia. Porém faltava muita mais, sobretudo do governo estadual e federal.

Na composição é possível observar o lado religioso do autor e do grupo, com citações relacionadas a fé e a Bíblia, outra situação notada é a responsabilização pelo capitalismo apontando a realidade na metrópole paulistana onde "você vale o que tem" e "em São Paulo Deus é uma nota de 100", referência à mercantilização desse modo de produção. Embora os integrantes do grupo sejam muito bem sucedidos financeiramente devido a seu trabalho e sucesso, eles poderiam ter usufruído muito mais, contudo sempre se recusaram a ir na TV entre outras coisas.

O destaque fica para incentivo pra correr atrás de uma vida melhor na sociedade capitalista, tal fato ganha notoriedade, o desejo de viver bem e aproveitar as coisas boas. Lembrando a música de Martinho da Vila " Canta Canta Minha Gente" pois "...a vida vai melhorar..."

Fato é que desde o passado há dificuldade gigante para a ascensão econômica e educacional das moradoras e moradores periféricos da metrópole paulistana, a luta de classes é existente nos dias atuais e nunca sumiu na sociedade brasileira e sociedades capitalistas, observe a fala de Florestan Fernandes.

Nas condições econômicas e sociais que se criam, então duas categorias sociais se beneficiam, amplamente, com os proveitos econômicos, sociais e políticos da industrialização: os que detinham os papéis de capitalistas, como donos de empresas nascentes, os que conseguiam vender sua força de trabalho como operários..." (FERNANDES, 2008, p. 162 e 163).

Professor Florestan cita as questões sociais e econômicos, em um contexto histórico de sofrimento do povo negro, e vai ao encontro do ativismo político e social dos rappers. Contudo neste álbum que é notória a revolução através da arte musical do grupo, em diversos momentos ou em letras quase por completas os Mcs utilizam a poesia para incentivar a busca por uma vida melhor, a fim de sonhar e correr atrás dos sonhos.

2014: Mantenha seus princípios

Os rappers permaneceram longos anos sem lançar novo álbum. Depois de lançar "Nada como um dia após o outro" em 2002, o sexto álbum "Cores e Valores" foi lançado em 25 de novembro de 2014, cerca de 12 anos depois do quinto álbum. Contudo em 2012 o grupo lançou a música "Mil Faces de Um Homem Leal (Marighella)", som revolucionário, a música tratava de apresentar ao povo brasileiro o brasileiro revolucionário Carlos Marighella. Ou seja, assim como poucas pessoas nas periferias e favelas não conheciam protagonistas de lutas e causas como Malcon X, Martin Luther King, e Che Guevara e passaram a conhecer tais heróis através da poesia dos Racionais MCs, agora era a vez dos fãs saberem quem foi Marighella.

No álbum "Cores e Valores" há 15 faixas, com o típico som Racionais MCs, que narra questões do cotidiano de pretas e pretos, o dia a dia das pessoas pobres de

comunidades carentes no Brasil, sobretudo das favelas paulistanas. As mensagens com narrativa trágica referente a vida no crime, o confronto às desigualdades vivenciadas pelos mais simples financeiramente, com tom de protesto e revolução seguem no álbum. Mas há ênfase maior ao longo das 15 faixas é de que temos nosso valor, e nosso valor tem a ver com a periferia, com a negritude afro descendente. Nossa valor tem a ver com nosso povo preto (a) e pobre. "Somos o que Somos, Cores e Valores". Mantenha o princípio que ao longo dos anos foi adquirido na comunidade.

As quatro primeiras faixas são de curta duração e traz a ideia na interpretação para esse escritor de continuidade, como se uma música fosse continuação da outra. Essa ideia de uma faixa ser continuação de outra é comum nos álbuns, com introduções e até músicas sequências. "Cores e Valores" é a faixa um com 1:16, a segunda música é "Somos o que Somos" com 1:07. Terceira faixa do álbum é: "Preto e Amarelo" com 0:37, e "Trilha" é a quarta música com 0:24. Apresentando uma proposta de continuidade uma faixa na outra, as quatro músicas traz a ideia de pertencimento e identidade. As faixas 1, 2, e 4 traz a citação "Somos O Que Somos", e as faixas 1 e 3 traz a citação "Cores e Valores".

"Eu Te Disse" é a quinta música com 0:54 e "Preto Zica" com 2:41 é a sexta faixa. Na quinta faixa é apresentada a ideia de "os valores vão além do sexo", seguindo uma certa continuidade sobre mater seus valores, seus princípios, manter a ética ensinada na periferia. Já na sexta faixa, entre o decorrer da poesia, é citado um caso anti ético de inveja, "...Ficaram cego e a meta é tomar seu lugar...", tal fato demonstra uma questão decorrente não apenas das áreas mais pobres, como de toda sociedade, a cobiça, a inveja.

A sétima música do álbum é "Finado Neguin" com 2:03, com um enredo diversificado, entre os assuntos citados "...Malandrão se arromba, é vários homem bomba.." mostrando que acontece coisas ruins com quem se acha "malandrão". "Eu Compro" é a oitava música com 3:34. A música inicia falando sobre um contraste no capitalismo "...Olha só aquele shopping, que da hora! Uns moleques na frente pedindo esmola" ao decorrer da música os rappers falam sobre possíveis casos de racismo, observe:

[...]Que o neguinho sem pai que insiste pode até chegar, entra na loja, ver uma nave zera e dizer, "eu quero, eu compro e sem desconto! " À vista, mesmo podendo pagar. Tenha certeza que vão desconfiar, pois o racismo é disfarçado há muito séculos, não aceita o seu status nem sua cor.

"A Escolha Que Eu Fiz" é a nona faixa com 1:49, o enredo da poesia apresenta um homem que praticou um ato ilícito e que o resultado não foi o esperado, pois o homem acabou sendo ferido e preso, vejamos: "...Que merda é essa que eu fiz, eu não ouvi o meu parceiro como eu ouço o juiz...". Ou seja, essa poesia trata de dizer que o crime não compensa, o final é trágico. De modo que em outros álbuns como já citado nessa obra, os rappers falam deste assunto.

A décima música do álbum é "A Praça" com 2:49, a música fala sobre o incidente ocorrido no show do grupo na Praça da Se, na capital no ano 2007. Foi um show do grupo onde a grande maioria da mídia tentou danificar a imagem dos Racionais MCs, distorcendo os fatos. Houve muitos inocentes que apanharam da segurança pública estadual, e o show durou pouco tempo sendo interrompido, veja um trecho da letra: "...Bombas de efeito moral e balas de borracha..." "Desesperadas as pessoas tentavam fugir do confronto" "Vem pra cá... Vem pra cá" "quer dizer, a polícia não poderia ter evitado? " na letra é confirmado que tudo isso poderia ser evitado, ou seja, havia a possibilidade de menos violência. "O Mal e o Bem" é a décima primeira faixa com 4:59, e será apresentada toda letra como última música

"Você Me Deve" é a décima segunda música com 2:40, a música tem um refrão em tom de cobrança que remete ao título da letra. O enredo abrange diversos assuntos como o Capão Redondo, bairro sempre lembrado, questões relacionadas ao dia a dia, entre outros assuntos. A décima terceira música é "Quanto Vale O Show?" com 2:53. A música tem o no refrão o título dela, e apresenta um breve resumo entre os anos de 83 a 87, citando possíveis acontecimentos da adolescência de Mano Brown, na letra é tratado certa crítica ao abandono do governo na época, observe "...sem livro nem lápis e o Brasil em colapso..." de fato os períodos narrados na música o descaso com a

educação era enorme, com alto índice de evasão escolar. Era um período com raras ações de políticas públicas.

Décima quarta faixa é "Coração Barrabás" com 1:23, a letra mostra a narrativa de uma pessoa que está encarcerada, narrando os males de quem está na vida do crime, no final da letra surge a ideia da possibilidade de esquecer todo esse mal vivenciado, e buscar ser feliz de um outro jeito, sem a criminalidade "... lutar pra ser feliz, eu te proponho..." A décima quinta faixa e última do álbum é "Eu Te Proponho" com 3:48, essa faixa é uma música romântica, sendo uma das poucas românticas ao longo da história do grupo enquanto coletivo. O rapper convida a pessoa em um provável relacionamento, que é chamada de "baby" para fugir, "...vamos fugir desse lugar baby..." encerrando o álbum demonstrando a importância em ter um relacionamento conjugal.

O Mal e o Bem

Uma vida, uma história de vitórias na memória, Igual o livro "O Mal e o Bem",
Pro seu bem, pro meu bem

Um espinho, uma rosa, uma trilha, Uma curva perigosa a mais de 100, Pro seu bem, pro meu bem

Pou, pou, pou, meu destino agora sou, Vou sem capacete, sem placa e sem retrovisor, Quem me aguarda? Quem me espera, Não me desespera pelos morros que eu passei, Fora da lei, eu sei, perdi e ganhei, Errei e acreditei numa luz que eu enxerguei, KL Jay, DJ, Vila Mazzei

O Jó me apresentou em meados de '83, Dançando Break a parceria fechou, formou, Mais uma dupla de São Paulo se aventurou, Em meio às trevas, é, e o sereno, Elaboramos a cura, a fórmula com veneno, E até hoje convivendo com o perigo

Andando em facções, roubando os corações feridos, Contra o racismo, contra a desigualdade, A máquina, a fábrica que exporta criminalidade, Várias cidades, só! Vários parceiros

Um salve nas quebradas de São Paulo, Rio de Janeiro, Pelo ponteiro a 220 estou, Desde '80 é espírito que me levou,

Uma vida, uma história de vitórias na memória, Igual o livro "O Mal e o Bem",
Pro seu bem, pro meu bem, Um espinho, uma rosa, uma trilha, Uma curva perigosa a mais de 100, Pro seu bem, pro meu bem

Céu azul, Céu azul, Céu azul, Céu azul

Então vai, em 90 a cena ficou violenta, Brown e o Blue com Pânico na Zona Sul, Escolha o seu caminho, negro limitado, A voz ativa de um povo que é descriminado

Me lembro bem, bem e o mal que você me fez, É que me mantém bem pra não ser pego outra vez, As armadilha que engatilha no meio da trilha, Um cumprimento, um abraço, um olho que brilha, E que atira, na mira um coração bandido

Bem vindo a selva onde todos saíram feridos, Mas tamo aqui, a postos pro seu general Cavando o túnel e rumo ao Banco Central, To na função em direção ao horizonte, Monte Sinai, quem vai chegar ao monte?, Na adolescência meu velho falava um montão

Sobre a vida, sobre o mal, sobre as tentação, Fechou negrão, tudo sempre será lembrado, Foi meu chefe, meu parceiro, foi meu aliado, Acelerado a milhão, na 1100

Um destino, uma brisa, "O Mal e o Bem", Uma vida, uma história de vitórias na memória, Igual o livro "O Mal e o Bem", Pro seu bem, pro meu bem

Um espinho, uma rosa, uma trilha, Uma curva perigosa a mais de cem, Pro seu bem, pro meu bem

Céu azul, Céu azul, Céu azul, Céu azul

25 anos depois, Firme e forte, Vivão e vivendo, Racionais MC's

A letra narra um ponto panorâmico do início do grupo, com partes na letra de ativismo político como é de praxe, veja uma breve parte: "... roubando os corações feridos, contra o racismo, contra a desigualdade.." narrando uma parte da história do grupo, a letra mostra como os rappers conquistaram corações nesse processo de luta contra o racismo e as desigualdades, sendo os corações conquistados, pessoas com feridas na alma.

O racismo causa traumas e feridas na alma, é comum na sociedade brasileira o entendimento de que há racismo, contudo identificar o racista ou auto se identificar como racista é difícil. Djamila Ribeiro fala sobre tal fato, vejamos:

... a maioria das pessoas admite haver racismo no Brasil, mas quase ninguém se assume como racista. Pelo contrário, o primeiro impulso de muita gente é recusar enfaticamente a hipótese de ter um comportamento racista: "Claro que não, afinal somos amigos de negros", "Como eu seria racista, se empreguei uma pessoa negra?"(RIBEIRO, Djamila. 2019, pg 37).

A afirmação da autora vai reafirmar a causa de luta e ativismo dos rappers. Ainda no tempo presente tal problemática persiste no país e no mundo, e com a

ascensão de fascistas ao poder e crescimento do ódio no Brasil, EUA e outras partes do mundo, crimes de racismo muitas vezes é ignorado quando não há mídia.

Portanto no sexto álbum o grupo segue o ativismo político e social apresentado nos cinco álbuns anteriores, porém de maneira tanto quanto diferentes, pois cada álbum tem suas particularidades, seus anseios e objetivos.

Mantendo seus princípios, os rappers seguem causas que demonstraram algumas melhorias nos governos de esquerda, mas que regrediram durante o golpe na presidente Dilma e na ascensão do Genocida ao poder. Caráter, retidão, princípios, e valores "Somos o que Somos", essa é a ideia central do sexto álbum.

Considerações Finais

Nos capítulos dois e três foi realizada análise ampla dos seis álbuns oficiais do grupo de rap Racionais MC's, para tanto foram observadas todas as músicas de cada álbum oficial, e de cada álbum uma música foi exposta por completa analisando toda a letra, visto que cada letra das músicas em geral variam de seis a onze minutos, sendo composições artística de longa duração. Os rappers passaram a ser objeto de pesquisa, tornando-se leitura obrigatória no vestibular da Unicamp em 2018 e em 2023. No ano de 2022 o grupo realizou aula aberta também na Unicamp, e em novembro de 2023 Mano Brown recebeu o título de doutor honoris causa pela Universidade Federal do Sul da Bahia.

Os Racionais apresentam ação crítica transformadora em suas obras, com críticas à burguesia, e chamamento para problemas da classe trabalhadora. É ressaltado que mesmo com o sucesso nacional e internacional, e tudo que uma sociedade capitalista concede a artistas com sucesso, os Racionais MCs nunca abandonaram suas origens, e com certa facilidade são vistos no Capão Redondo, e no Jardim Ângela, local de surgimento de Mano Brown e Ice Blue. Abaixo serão apresentados temas que algumas músicas apresentam no sentido de evidenciar a

denúncia de situações reais e que são urgentes de superação, viabilizando caminhos e propostas para uma revolução social.

Excertos Temáticos

Criminalidade e Desejo de Mudança

Pânico na Zona Sul, Beco Sem Saída, Hey Boy, Tempos Difíceis, Negro Limitado, Voz Ativa, Fim de Semana no Parque, Mano na Porta do Bar, Homem na Estrada, Juri Nacional, Capítulo 4 Versículo 3, Diário de um Detento, Fórmula Mágica da Paz, Mágico de Oz, Vida Loka parte 1, Vida Loka parte 2, Eu Sou 157, Crime Vai e Vem, Negro Dama, Jesus Chorou, A Vida é Desafio, Mil Faces de Um Homem Leal, A Escolha Que Eu Fiz, Quanto Vale O Show, O Mal e o Bem.

Desigualdade Social

Pânico na Zona Sul, Beco Sem Saída, Hey Boy, Tempos Difíceis, Negro Limitado, Voz Ativa, Fim de Semana no Parque, Mano na Porta do Bar, Homem na Estrada, Júri Nacional, Capítulo 4 Versículo 3, Diário de um Detento, Fórmula Mágica da Paz, Mágico de Oz, Vida Loka parte 1, Vida Loka parte 2, Eu Sou 157, Crime Vai e Vem, Negro Dama, Jesus Chorou, A Vida é Desafio, Mil Faces de Um Homem Leal, A Escolha Que Eu Fiz, Quanto Vale O Show, O Mal e o Bem.

Cultura e Educação

Beco Sem Saída, Tempos Difíceis, Negro Limitado, Voz Ativa, Fim de Semana no Parque, Mano na Porta do Bar, Homem na Estrada, Júri Nacional, Capítulo 4 Versículo 3, Diário de um Detento, Fórmula Mágica da Paz, Mágico de Oz, Vida Loka parte 1, Vida Loka parte 2, Eu Sou 157, Crime Vai e Vem, Negro Dama, Jesus Chorou, A Vida é Desafio, Mil Faces de Um Homem Leal, A Escolha Que Eu Fiz, Quanto Vale O Show, O Mal e o Bem.

Fome e pobreza

Pânico na Zona Sul, Beco Sem Saída, Hey Boy, Tempos Difíceis, Fim de Semana no Parque, Mano na Porta do Bar, Homem na Estrada, Juri Nacional, Capítulo 4 Versículo

3, Diário de um Detento, Fórmula Mágica da Paz, Mágico de Oz, Vida Loka parte 1, Vida Loka parte 2, Eu Sou 157, Crime Vai e Vem, Negro Dama, Jesus Chorou, A Vida é Desafio, Mil Faces de Um Homem Leal, A Escolha Que Eu Fiz, Quanto Vale O Show, O Mal e o Bem.

Injustiça

Pânico na Zona Sul, Beco Sem Saída, Hey Boy, Racistas Otários, Tempos Difíceis, Negro Limitado, Voz Ativa, Fim de Semana no Parque, Mano na Porta do Bar, Homem na Estrada, Júri Nacional, Capítulo 4 Versículo 3, Diário de um Detento, Fórmula Mágica da Paz, Mágico de Oz, Vida Loka parte 1, Vida Loka parte 2, Eu Sou 157, Crime Vai e Vem, Negro Dama, Jesus Chorou, A Vida é Desafio, Mil Faces de Um Homem Leal, A Escolha Que Eu Fiz, Quanto Vale O Show, O Mal e o Bem.

Juventude

Pânico na Zona Sul, Beco Sem Saída, Hey Boy, Mulheres Vulgares, Racistas Otários, Tempos Difíceis, Negro Limitado, Voz Ativa, Fim de Semana no Parque, Mano na Porta do Bar, Homem na Estrada, Júri Nacional, Capítulo 4 Versículo 3, Diário de um Detento, Fórmula Mágica da Paz, Mágico de Oz, Vida Loka parte 1, Vida Loka parte 2, Eu Sou 157, Crime Vai e Vem, Negro Dama, Jesus Chorou, A Vida é Desafio, Mil Faces de Um Homem Leal, A Escolha Que Eu Fiz, Quanto Vale O Show, O Mal e o Bem.

Racismo e preconceito com o pobre

Pânico na Zona Sul, Beco Sem Saída, Hey Boy, Racistas Otários, Tempos Difíceis, Negro Limitado, Voz Ativa, Fim de Semana no Parque, Mano na Porta do Bar, Homem na Estrada, Júri Nacional, Capítulo 4 Versículo 3, Diário de um Detento, Fórmula Mágica da Paz, Mágico de Oz, Vida Loka parte 1, Vida Loka parte 2, Eu Sou 157, Crime Vai e Vem, Negro Dama, Jesus Chorou, A Vida é Desafio, Mil Faces de Um Homem Leal, A Escolha Que Eu Fiz, Quanto Vale O Show, O Mal e o Bem.

Violência policial

Pânico na Zona Sul, Racistas Otários, Hey Boy, Voz Ativa, Fim de Semana no Parque, Mano na Porta do Bar, Homem na Estrada, Júri Nacional, Capítulo 4 Versículo 3, Diário

de um Detento, Fórmula Mágica da Paz, Mágico de Oz, Vida Loka parte 1, Vida Loka parte 2, Eu Sou 157, Crime Vai e Vem, Negro Dama, Jesus Chorou, A Vida é Desafio, Mil Faces de Um Homem Leal, A Escolha Que Eu Fiz, Quanto Vale O Show, O Mal e o Bem.

O conceito de Revolução

[...] O mais importante para nós, na via cubana, não está na guerrilha, mas no modo pelo qual os guerrilheiros conquistaram o apoio dos camponeses e dos proletários agrícolas para a revolução para a revolução [...] FERNANDES, 1981, p 112

Apresentar um conceito sobre o que é uma revolução ou simplesmente sobre a palavra Revolução por si só, é uma missão nada fácil, devido a várias maneiras que a palavra ou conceito estão sendo citados e abordados atualmente. Com o retorno do fascismo e do nazismo em pleno século XXI, apresentar o conceito correto e explicar sem erro o que é Revolução contribui de maneira efetiva para que a sociedade presente e as futuras evitem problemas grotescos nos quais a humanidade passou.

Utilizar seriamente teses, artigos e todo tipo de escrito, é uma forma eficaz de enfrentamento a todo tipo de mentira apregoada e contada pela turma de fake news sobre a palavra Revolução, turma essa que infelizmente tem conquistado diversos adeptos sobretudo na internet e em redes e mídias sociais. Nesse contexto, a pesquisa segue uma linha visando solucionar conceitos errôneos sobre o que é Revolução, a tentativa deste capítulo é acabar com argumentos golpistas originados da ditadura militar instalada no Brasil na década de 60.

Nas décadas de 60, 70 e 80 o acadêmico brasileiro Florestan Fernandes sobre essa mesma problemática publicou sobre o tema, esclarecendo "O que é Revolução". Florestan Fernandes, de notável formação teórica e de tradição marxista apresenta conceituação sobre Revolução de grande alcance e profundidade fazendo um link entre academia e sociedade.

A palavra revolução tem sido empregada de modo a provocar confusões. Por exemplo, quando se fala de "revolução industrial", com referência ao golpe de Estado de 1964. É patente que aí se pretendia acobertar o que ocorreu de fato, o uso da violência militar para impedir a continuidade da revolução democrática (a palavra correta seria contra revolução: mas quais são os contra revolucionários que gostam de ver se na própria pele?). Além disso, a palavra "revolução" encontra empregos correntes para designar alterações contínuas ou súbitas que ocorram na natureza ou na cultura (coisas que devemos deixar de lado e que os dicionários registram satisfatoriamente). No essencial, porém, há pouca confusão quanto ao seu significado central: mesmo na linguagem de senso comum sabe-se que a palavra se aplica para designar mudanças drásticas e violentas da estrutura da sociedade. Daí o contraste frequente de mudança gradual e mudança revolucionária, que sublinha o teor da revolução como uma mudança que mexe nas estruturas que subverte a ordem social imperante na sociedade." (FERNANDES, 1981 pgs 7 e 8)

O professor Florestan aponta como defensores do golpe de 64 tentam capturar a palavra revolução para si, para o acadêmico "os dicionários definem satisfatoriamente" o emprego da palavra revolução. Observe que a utilização de dicionários em dados momentos são importantes para a humanidade, em geral, mas uma fonte para pesquisadores, escritores, entre outros. Para o autor a palavra se aplica em mudanças radicais, drásticas, mudanças cruciais, que alteram as estruturas na sociedade, subvertendo a ordem social.

Florestan Fernandes cita Marx e Engels especificamente no Manifesto Comunista, falando sobre revolução, cita a necessidade da conquista do poder pelo proletariado.

[...]o conceito de revolução aparece saturado de sua especificidade histórica. Ele se identifica com as tarefas maiores do proletariado e define um longo porvir de transformações revolucionárias encadeadas. Nele, como salientaram Marx e Engels, fica claro que o proletariado possui funções análogas ou simétricas àquelas que a burguesia preencheu na desintegração da sociedade capitalista. Só que essas funções são mais complexas e difíceis. Para realizá-las, como os dois autores indicaram, o proletariado precisa, antes de mais nada conquistar o poder. (FERNANDES, 1981 p 15)

Explicando e conceituando revolução, o autor fala sobre transformações, do proletariado e das principais referências sobre o tema, e de Marx e Engels. Notoriamente muito mais pode ser dito sobre o conceito de revolução, contudo é fundamental um referencial teórico e bibliográfico confiável, algo fidedigno. O professor Florestan não apenas apresenta isto, como é em si mesmo profundo objeto de pesquisa no assunto.

Marx e Engels apresentam os opositores da revolução proletária sendo burgueses, banqueiros e toda elite financeira da época, s apontavam também para a monarquia, e demais inimigos do proletariado. Era um período onde o salário dos operários mal dava pra comer dignamente, estes contra revolução eram identificados e reconhecidos por trabalhadores como assassinos e corruptos, visto que pessoas morriam de fome na Europa.

Os da "contra revolução" , burguesia e seus representantes no Estado , exploravam trabalhadores, dando condições desumanas para os operários, muitas vezes não havia folga no trabalho, a jornada de trabalho era abusiva, quando era dado um dia de descanso, a esposa e até filhos supriam a ausência do pai na fábrica. Florestan Fernandes apresenta de maneira coerente o conceito de revolução, explicando e fundamentando com um marxismo clássico. Já em sua época, o professor Florestan detectava que inimigos da Revolução tentavam se apropriar da palavra. Hoje no século XXI vivenciamos situações próximas a do autor brasileiro, embora tais opositores da Revolução possam ter outras características, mas prosseguem em oprimir o necessitado, humilhar povos originários e a maioria menorizada, são fatos concretos e reais. Daí a importância em esclarecer como uma candeia iluminaro que de fato é revolução clareando e explicitando estas conclusões.

Início da Revolução na democracia?

Para Florestan Fernandes, um sinal revolucionário na democracia seria eleger uma operária ou um operário ao poder, e a cidade de São Paulo vivenciou este pioneirismo com a eleição vencida por Luiza Erundina no final dos anos 80, Erundina foi

a primeira prefeita (o) progressista que a capital paulista conheceu, além de Erundina outras cidades no Estado tiveram ascensão da classe trabalhadora na mesma época, como Santos SP, com a vitória de Telma de Souza, São Vicente SP com a vitória de Luiz Carlos Luca Pedro para prefeito, Jacó Bittar em Campinas e outras dezenas de prefeitas e prefeitos progressistas nesses casos do Partido dos Trabalhadores, com propostas de compromisso social, como é conhecido. Com a ascensão de governos populares nos municípios, a melhoria em questões primordiais como educação e saúde eram visivelmente notadas, com construção de hospitais e escolas, ampliação de vagas e melhoria na prestação de serviços municipais. Seria o início de um tipo de revolução? Fato é que destas dezenas de municípios no Estado de São Paulo, o lugar que a esquerda mais se manteve com força foi na capital, lugar onde surgiu o grupo Racionais, local onde o grupo vive e faz constante ativismo e militância. Houve várias cidades em diversos estados do Brasil que assim como as citadas acima a esquerda governou, como Blumenau em Santa Catarina, Porto Alegre no Rio Grande do Sul e várias cidades do Norte, Nordeste, e etc... contudo mesmo com toda fake news disseminadas pela direita, mesmo com a ascensão dos neo fascistas, e a atuação dos herdeiros da ditadura, na cidade de São Paulo, reduto dos rappers, os governos populares mantiveram forte base.

Questões raciais - Racismo e o ensino da história da colonização e da escravidão

É fato que o Brasil enfrentou e enfrenta racismo no presente momento. Sim há muito a melhorar, é necessário uma eficácia maior em vários aspectos que não serão citados, contudo houve avanços na sociedade brasileira trazendo impactos positivos, como a criação do Estatuto Racial, abaixo detalhes do Estatuto.

[...] O documento define o que é discriminação racial, desigualdade racial e população negra. Segundo o documento, discriminação racial "é a distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em etnia, descendência ou origem nacional". Desigualdade racial é definida como "todas as situações injustificadas de diferenciação de acesso e oportunidades em virtude de etnia, descendência ou origem nacional. Já o termo população negra é o "conjunto de pessoas que se autodeclararam pretas e pardas". Na área da educação, o estatuto torna obrigatório o ensino de história geral da África e da população negra do Brasil nas escolas de ensino fundamental e médio, públicas e privadas. Ele prevê ainda o incentivo de atividades produtivas rurais para a população negra, proíbe

empresas de exigir aspectos próprios de etnia para vagas de emprego e reconhece a capoeira como esporte, permitindo que o governo destine recursos para a prática. Já na questão religiosa, o estatuto reitera o livre exercício dos cultos religiosos de origem africana e libera assistência religiosa aos seguidores em hospitais. No mundo virtual, além de multa para quem praticar crime de racismo na internet, o documento prevê a interdição da página de internet que exibir irregularidades. O estatuto também garante às comunidades quilombolas direitos de preservar costumes sob a proteção do Estado e prevê linhas especiais de financiamento público para essas comunidades. O poder público terá de criar ouvidorias permanentes em defesa da igualdade racial para acompanhar a implementação das medidas. O documento também estabelece que o Estado adote medidas para coibir a violência policial contra a população negra. (O Globo, 2010)¹⁴

Criar o Estatuto foi um avanço em meio a falta de oportunidade para brasileiras e brasileiros pobres, pretas e pretos de nossa pátria. Tratando sobre racismo, educação, história da África, território quilombola e universidade, ficou garantido direitos para o povo negro. Daí iniciou-se um novo período, um período de erguer a cabeça e lutar por direitos garantidos.

Desde o período de colonização até o contemporâneo, o ensino sobre a história da humanidade e tudo referente a história, cultura e literatura é apresentado com uma ótica eurocêntrica e colonizadora. Outro avanço obtido com a eleição de um presidente popular de esquerda foi o Ensino sobre história e cultura Afro Brasileira para o ensino médio e o ensino fundamental. Com a ascensão do PT ao poder, o resgate da memória sobre África virou obrigatoriedade visto os mais de 500 anos de domínio da elite e dos colonizadores. A Lei número 10.639/2003 e a Lei número 11.645/2008 surgem para apresentar fatos ocultos referente aos abusos sofridos por africanas e africanos, índias e índios, sendo um panorama fidedigno sobre os crimes e injustiças praticadas pelos colonizadores na história da humanidade.

¹⁴

<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2010/07/lula-cria-universidade-e-sanciona-estatuto-da-igualdade-racial.html>). ACESSO 23/06/22

Mesmo com todo amparo da constituição e com o estatuto racial, os racistas sempre encontravam alguma forma para evitar punição, e a luta e busca por revolução era contínua por parte dos Racionais, visto que algumas vezes a democracia apresentou surpresas como o golpe contra a presidente Dilma em 2016. Com o movimento " Vidas Negras Importam ", os rappers foram às ruas protestar e seguiram seus discursos contra o racismo em shows, entrevistas e redes sociais. A Lei 14.532/2023 trata o racismo como Injúria Racial, evitando a impunidade para criminosos.

Combate à miséria e a defesa do direito à educação

Falta de comida, não ter o que comer, a fome. Esse é um problema universal vivenciado em várias nações no mundo. Desde o início da humanidade até às décadas de 60 e 70 países como Estados Unidos, Japão, França e vários outros países europeus tinham milhares de pessoas em situação de miséria e passando fome, o que levou muitos destes pobres a saírem de seu país de origem e ir para outra nação, o Brasil recebeu diversos destes povos que lutavam contra a fome.

Aqui não era diferente, mesmo recebendo estrangeiros, a fome matava irmãs e irmãos brasileiros, crianças, adultos, entre outros. A primeira vez que a esquerda iniciou um governo em território brasileiro a situação era complicada, já em seus primeiros dias, era evidente a tentativa de erradicar a fome e erradicar a miséria, melhorando a qualidade de vida. No discurso de posse, o presidente Lula disse que tinha como objetivo e missão de vida que todos brasileiros (a), tivessem café da manhã, almoço e jantar. E rapidamente programas sociais foram lançados para combater a miséria, programas como "Fome Zero" e "Bolsa Família".

São consideradas em situação de pobreza extrema as pessoas que ganham menos de um dólar por dia, o equivalente a pouco mais de dois reais. No Brasil, o número de cidadãos em tais

condições foi reduzido em 75% entre 2001 e 2012, segundo mostra o Mapa Mundial da Fome, divulgado pela Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação, a FAO. Segundo o documento, o número de brasileiros subalimentados caiu 82% entre 2002 e 2013. O relatório aponta que o país investiu cerca de 35 bilhões de reais no combate à fome e atribui o sucesso aos Programas Fome Zero e Bolsa Família (SENADO, 2016)¹⁵

Rapidamente os programas sociais obtiveram sucesso, contudo apenas no terceiro mandato da esquerda é que o país saiu do mapa da fome como vemos na matéria acima. Este reconhecimento da ONU foi um marco para a nação, “nunca antes na história deste país” tal feito havia acontecido. Portanto foi um momento de júbilo para todo aquele que ama o povo e sua pátria de verdade, todo aquele que se preocupa com o seu próximo ficou feliz.

Combater o atraso educacional era outra arma eficaz para continuar a revolução na metrópole, e uma das atitudes tomadas do governo foi colocar pretos e pretas, pessoas pobres na universidade, dar educação. Educar o mais simples, os mais humildes. Garantir a brasileiras e brasileiros o direito de se formar em um curso superior. Vejamos abaixo detalhes sobre a lei de cotas.

O que é a lei de cotas? A Lei nº 12.711/2012, sancionada em agosto deste ano, garante a reserva de 50% das matrículas por curso e turno nas 59 universidades federais e 38 institutos federais de educação, ciência e tecnologia a alunos oriundos integralmente do ensino médio público, em cursos regulares ou da educação de jovens e adultos. Os demais 50% das vagas permanecem para ampla concorrência (MEC, 2012).¹⁶

15

<https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2014/09/16/brasil-saiu-do-mapa-da-fome-produzido-pela-onu>) ACESSO EM 23/06/22

¹⁶<http://portal.mec.gov.br/cotas/perguntas-frequentes.html#:~:text=A%20Lei%20n%C2%BA%2012.711%20de%202012,educa%C3%A7%C3%A3o%20de%20jovens%20e%20adultos> (ACESSO 26/06/22)

A partir da lei de cotas, diversas universidades públicas passaram a receber pessoas que antes não tinham condições de adentrar em seus prédios. Não é pouco o número de pessoas simples e pobres em universidades públicas graças à nova lei de cotas. Além da lei de cotas, outros programas para inserção de pessoas simples e pobres no curso superior foram feitos, programas como: PROUNI, SISU, FIES (sem fiador). O programa universidade para todos foi criado em 2004 iniciando em 2005, junto do primeiro governo de esquerda na nação. O sistema de seleção unificada foi criado em 2010.

Avançando na educação superior, formando nossa gente. Era um início da revolução. Obviamente há vários outros desafios, o Brasil não chegou ao nível de países de primeiro mundo como Noruega e Finlândia, contudo anos de atraso e retrocesso foram ficando para trás quando a esquerda passou a governar o país. Assim como outros fatores importantes, a criação de emprego foi fundamental para o âmbito da revolução na metrópole, tendo grande marca no final do segundo mandato do presidente Lula, vejamos abaixo.

Com uma taxa de desemprego de 5,7% em novembro - o melhor resultado desde 2002 - e um crescimento previsto de 7,5% do Produto Interno Bruto (PIB) para este ano, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva chega ao fim de seu mandato com uma coleção de indicadores econômicos positivos (BBC, 2010)¹⁷

Houve várias outras frentes nos governos progressistas brasileiros, tanto em programas sociais, de renda, habitação, sustentabilidade e meio ambiente, economia, política para mulheres entre outras coisas. São temas diversos, amplos e ricos para muitas outras linhas de pesquisas, para várias outras teses. Porém apresentei de maneira sucinta e objetiva fatos claros sobre revolução na metrópole a partir da arte

¹⁷ https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2010/12/101227_eralula_economia ACESSO 23/06/23

dos Racionais MCs, pois a luta, atuação e ativismo dos cantores, auxiliaram pessoas simples a participarem da revolução a partir da democracia. A partir de escolhas precisas para líder mor da nação como representante do povo. E os Racionais MCs conseguem levar política a pessoas desinteressadas pelo assunto. Sendo de maneira clara e simples. Esta dissertação também tem como objetivo tocar em pessoas simples, de modo que a democracia continue firme e forte nas quebradas, comunidades, favelas. Que os fascistas sejam banidos da política pelo voto, e o povo vença como venceu com os governos de esquerda.

REFERÊNCIAS

Artigos, Livros e Teses

ARAGÃO, Wagner de Alcântara. *Santos 1989, as políticas públicas que inspiraram um país (e o mundo também)*. São Paulo, Alameda, 2021

ARENDT, Hannah. *O que é política?* Rio de Janeiro: Ed Bretrand Brasil, 1999.

Aristóteles. *Política*. Lisboa, Portugal. Ed Veiga, 1998.

AZEVEDO, Amailton Magno. *Samba: Um ritmo negro de resistência*.

<https://www.scielo.br/j/rieb/a/9ChXBqB3GsMRsDnwXHwDbGg/> Acesso em 03/10/23

BÍBLIA Sagrada: Carta aos Efésios, Nova Almeida Atualizada, 2017.

BIN, Marco Antonio. *As redes de escrituras mas periferias de São Paulo*. Tese de doutorado, PUC SP. São Paulo, 2009.

BOURDIEU, Pierre. *A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos*. São Paulo. Zouk, 2002.

BRASIL, Constituição Federal de República Federativa do Brasil, 1988.

BRITTO, Ieda Marques. *Samba na Cidade de São Paulo (1900-1930): um exército de resistência cultural*. Universidade de São Paulo, 1986.

CANTO, Bárbara. MILEK, C,S,V,F. REVISTA DO NESEF FILOSOFIA E ENSINO. CURITIBA. ISSN 2317-1332. UFPR, pg 61 a 77. Paraná, 2018.

CHAIA, Miguel (org.) *A Arte e a Política*. Rio de Janeiro. Azogue Editorial, 2007.

D' ANDREA, Tiaraju Pablo. *A Formação dos Sujeitos Periféricos: Cultura e Política na Periferia de São Paulo*. Tese de Doutorado, USP. São Paulo, 2013

40 ideias da periferia: historia, conjuntura e pós pandemia.
Editora Dandara, São Paulo 2020.

DIÓGENES, Glória M.S *Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento Hip Hop*. São Paulo: Annablume, 2001.

DOMINGUES, Petronio. *Movimento Negro: alguns apontamentos históricos*

<https://www.scielo.br/j/tem/a/yCLBRQ5s6VTN6ngRXQy4Hqn/?lang=pt> > Acesso em 20/06/23

EBLE, Laeticia J. "A resposta de mudar o mundo com a ponta de uma caneta": considerações sobre o rap nacional. *Revista Brasileira de Estudos da Canção*. Natal: UFRN, n.4, julho-dezembro de 2013.

FANON, Frantz. *Os condenados da Terra*. Zahar, Rio de Janeiro, 2022.

FARIA, Priscila Prado. *Racionais MCs e Paulo Freire: Um diálogo sobre educação na São Paulo dos anos 90*. Dissertação de mestrado em História Social, São Paulo, PUC 2017.

FERNANDES, Florestan. *Apontamentos sobre A Teoria do Autoritarismo*. São Paulo: Ed Hucitec, 1979.

_____ *O que é Revolução?* São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

_____ *A integração do negro na sociedade de classes*, VI 1. Rio de Janeiro, Globo, 2008.

GRECCO, Anderson da Costa e Silva. *Racionais MCs: música, mídia e crítica social em São Paulo*. Dissertação de mestrado em História Social. São Paulo, PUC 2007.

HADDAD, Fernando. *O terceiro excluído*. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

JESUS, Isabel C.A. *O discurso sobre as violências no grupo de rap Racionais MC's*. Porto Alegre: PUCRS, 2009.

JR, Martin Luther King. *Discurso na marcha de Washington*, 28 de agosto de 1963. Traduzido pelo site: OGLOBO.com em 14/05/2018.

LARA, Ricardo. SILVA, Mauri Antônio da. 2015 *A ditadura civil-militar de 1964: os impactos do longa duração nos direitos trabalhistas e sociais no Brasil.*

<https://www.scielo.br/j/sssoc/a/NGwM4fhVhW4rhdnTNXZhpmm/> > ACESSO EM 21/06/23

LAS CASAS, Bartolomeu de. *O massacre dos Nativos*. Lebooks Editora, 2017.

LEI Universal dos Direitos Humanos, 1948

LODUCA, Maria Teresa. *Música negra na escola: um estudo sobre a ressonância dos tambores nas relações intersubjetivas*. 2018. 207 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

MALCOM X: *Discurso realizado em 10 de novembro de 1963*. Tradução pela página Povo Preto, Pan Africanismo e Poder Preto.

MARCUSE, Herbert. *A dimensão estética*. São Paulo, Ed Martins Fontes, 1981.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista* 1948. Porto Alegre: LPM editores, 2001.

MARX, Karl. *A Revolução Antes da Revolução II: As Lutas de Classe na França de 1848 a 1850*,

_____ *O 18 Brumário de Luis Bonaparte, A Guerra Civil na França*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2015.

_____ *Consequências Sociais do Avanço Tecnológico*. São Paulo: Edições Populares, 1980.

MOURA, Clóvis. *Sociologia do negro brasileiro*. Editora Perspectiva, São Paulo 2020.

NASCIMENTO, J. Cultura e consciência: a “função” do Racionais MC’s. *Revista Z Cultural*, Ano V, ed.3, 2010.

OLIVEIRA, Roberto de Camargos. *Música e Política: Percepções da Vida Social Brasileira no Rap*. Universidade Federal de Uberlândia 2011

PINHEIRO, Paulo Sérgio (org). *Crime, Violência e Poder*. Ed Brasiliense, São Paulo 1983.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: A formação e o sentido do Brasil*. Companhia das Letras. São Paulo, 1995

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno Manual Anti Racista*. Companhia das Letras, São Paulo, 2019.

SANTOS, José Roberto dos: *História e música em São Paulo no início do século XX: a trajetória da Banda da Força Pública*, Dissertação de Mestrado, (Catálogo USP), São Paulo 2019.

SILVA, Aida M. M. Apresentação. In: SILVA, Aida M. M.; TIRIBA, Léa (orgs.). *Direito ao ambiente como direito à vida: desafios para a educação em direitos humanos*. São Paulo: Cortez, 2015. p. 08.

SOUZA, Celina. Políticas Públicas: uma revisão da literatura. *Revista Sociologias*, Porto Alegre, ano 8, n 16, p 20 - 45. Jun/dez, 2006.

TINHORÃO, José R. *Pequena História da Música Popular*. São Paulo: Círculo do Livro. 1978, p. 244.

TOLSTOI, Leon. *O que é a arte?* São Paulo: Editora Experimento, 1994.

VERAS, Maura Pardini Bicudo. Tempo Espaço na Metrópole: Breves reflexões sobre assincronias urbanas. *Revista São Paulo em Perspectiva*, Fund SEADE,2001

<https://www.scielo.br/j/spp/a/RMBGfMyr9dY463PTnN3HHKH/?lang=pt> Acesso 21/06/23

VILLAÇA, Flávio. *Espaço intra urbano no Brasil*. São Paulo: FAPESP, 2011.

WEBER, Max: *Economia y Sociedad, esbozo de sociología comprensiva*. Mexico, Fondo de Cultura Económica, vol.I,1969

_____ : *Ciência e Política, duas vocações*. São Paulo, Ed Cultrix, 2014

Sites

<https://youtu.be/laQWmNkqkSg> < Entrevista no Roda Viva da TV Cultura > (ACESSO 23/06/22)

<https://youtu.be/9Rg7vYP6tA4> < Entrevista no canal TV Racionais no YouTube > (ACESSO 23/06/22)

<http://portal.mec.gov.br/cotas/perguntas-frequentes.html#:~:text=A%20Lei%20n%C2%BAA%2012.711%2F2012,educa%C3%A7%C3%A3o%20de%20jovens%20e%20adultos> (ACESSO 23/06/22)

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=205&Itemid=298&msg=1&l=aW5kZXgucGhwP29wdGlvbj1jb21fY29udGVudCZ2aWV3PWJ1c2NhZ2VyYWwmSXRIbWIkPTE2NCZwYXJhbXNbc2VhcmNoX3JlbGV2YW5jZV09cHJvdW5pJmQ9cyZwYXJhbXNbZGVdPSZwYXJhbXNbYXRIFT0mcGFyYW1zW2NhdGIkXT0mcGFyYW1zW3NIYXJjaF9tZXRob2RdPWFsbCZwYXJhbXNbb3JkXT1wcg==#:~:text=O%20Programa%20Universidade%20para%20Todos,institui%C3%A7%C3%A3o%20privadas%20de%20educa%C3%A7%C3%A3o%20superior (ACESSO 23/06/22)

<https://www.agenciamural.org.br/racionais-mcs-nada-como-um-dia-apos-o-outro/> (ACESSO 14/02/2023)

<https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2018/12/70-anos-da-declaracao-universal-dos-direitos-humanos#:~:text=Em%2010%20de%20dezembro%20de,mundiais%C2%20mas%20n%C3%A3o%20s%C3%B3%20isso.> (ACESSO 02/02/23)

<https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2014/09/16/brasil-saiu-do-mapa-da-fome-produzido-pela-onu> (ACESSO 23/06/22)

<https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2022/09/27/persistencia-de-chacinas-no-brasil-esta-ligada-criminalizacao-de-pobres-e> (Acesso 20/02/23)

https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2010/12/101227_eralula_economia (ACESSO 23/06/22)

https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/01/150115_penademorte_pai_jf (ACESSO 21/02/23)

<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2023/07/joao-donato-afirmava-que-bossa-nova-e-samba-tocado-por-quem-nao-e-da-favela.shtml> (Acesso em 03/10/23)

<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2010/07/lula-cria-universidade-e-sanciona-estatuto-da-igualdade-racial.html> (ACESSO EM 23/06/22)

<https://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL32048-5605,00-SHOW+DE+RACIONAIS+MCS+NA+SE+TERMINA+EM+QUEBRAQUEBRA+SAO+DETIDOS.html> (ACESSO 23/02/23)

<https://g1.globo.com/pi/piaui/ingresso-universitario/noticia/2023/11/05/musica-dos-racionais-racismo-palestina-diversidade-cultural-alunos-avaliam-primeiro-dia-de-prova-do-ene-m-2023.ghtml> (Acesso 05/11/23).

<https://ufsb.edu.br/ultimas-noticias/4344-mano-brown-e-o-novo-doutor-honoris-causa-pela-ufsb#:~:text=Em%20solenidade%20da%20sess%C3%A3o%20especial,UFSCB>

CDS consultados

RACIONAIS MC'S. CD Holocausto Urbano. São Paulo: Zimbabwe Records, 1990.

_____. CD Escolha seu caminho: São Paulo, Zimbabwe Records, 1992.

_____. CD Racionais MC's (coletânea). São Paulo: Zimbabwe Records, 1993.

_____. CD Sobrevivendo no Inferno. São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica, 1997.

_____. CD Nada Como Um Dia Após o Outro Dia. São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica, 2002.

_____. CD Cores e Valores: Cosa Nostra Fonográfica, 2014.